

LORD BYRON

MANFREDO

O GIAOUR

TRADUÇÕES DO ORIGINAL

POR

AUGUSTO CARLOS XAVIER

Juiz de direito de primeira instancia



COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1893

Sala 5
Gab. 37
Est. 18
Tab. 34
N.º

87

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE EAST ASIAN LIBRARY

UNIVERSITY OF CHICAGO

LORD BYRON

MANFREDO

O GIAOUR

TRADUÇÕES DO ORIGINAL

POR

AUGUSTO CARLOS XAVIER

Juiz de direito de primeira instancia



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1893

THE YEAR BOOK

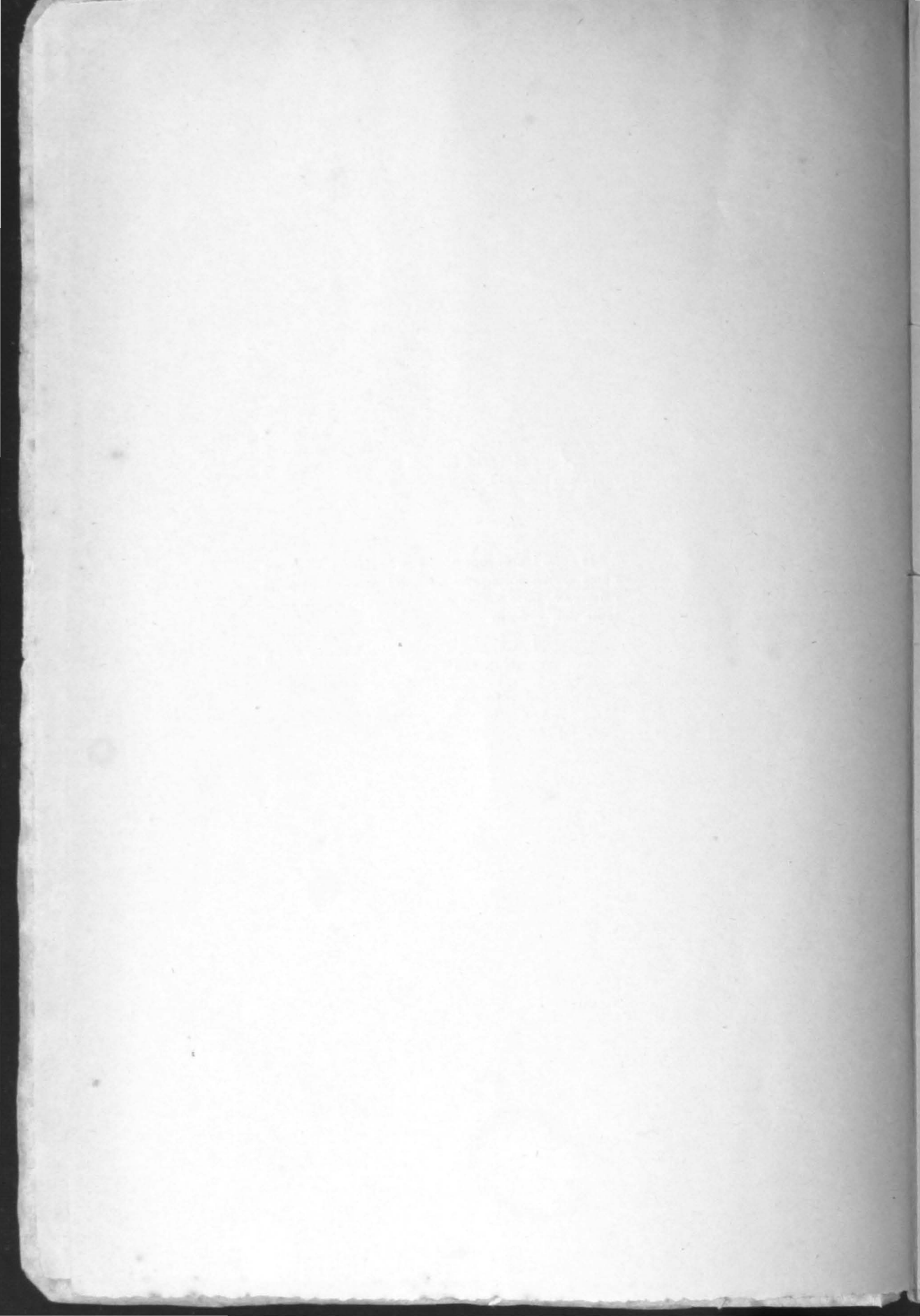
OF THE



Nelle poesie o nelle lettere del Ceresa, del Byron, del Foscolo, tu trovi qualche impronta dei loro rimorsi, della violenza, con cui tentarono soffocar le malvagie passioni.

Ma sono lampi fugaci, che se bastano a mostrare come errino coloro che negano il senso estetico al criminale, pure a mala pena si possono scovrir colla lente dell' erudito.

LOMBROSO, *L'Uomo delinquente*, vol. I,
pagg. 538 e 540.



MANFREDO

MANTREDO

A QUEM LER

O traductor não desconheceu as difficuldades inherentes á interpretação dos grandes poetas.

Não suppoz ter vencido essas difficuldades e ter consubstanciado em toda a plenitude os pensamentos, as imagens e a construcção delicada e vigorosa do original inglez e diligenciou unicamente que, em resultado de algum trabalho e de algum estudo, a traducção fosse correcta e fiel.

N'estas paraphrases a prosa está admittida pelas melhores auctoridades.

É fóra de duvida que a traducção metrificada engrandece o valor da interpretação e a torna mais textual.

O traductor não hesita em confessar que excede essa empreza as suas forças.

E não pareça inutil esta declaração, porque, ainda assim, ha grandes obstaculos.

Exigem-se primeiro que tudo, nos trabalhos d'esta natureza, a investigação cuidadosa da ideia primitiva e a exactidão litteral, e a prosa permite a translação completa da ideia originaria.

É certo, porém, que a fórmula lyrica se extingue por vezes completamente.

O *Manfredo*, (*Manfred*), pertence ás mais sublimes inspirações do poeta inglez.

É um poema dramático, escripto sob a impressão de funda misantropia e uma das creações de lord Byron que revelam, em todo o vigor, a feição principal da sua originalidade, — a descripção inimitável dos sentimentos mais melancolicos e dos factos mais lugubres.

Um homem de genio, consumido por paixões violentas, procurou na sciencia o esquecimento. Desprezava a humanidade e anteviu na morte a quietação. Um caçador de camurças o susteve nos Alpes á beira de um precipicio; e quando o accommetteu a morte, não a do suicida, mas a que é termo inevitável da existencia, recebeu-a com a coragem de quem só exultára entre os perigos.

Astarté dir-se-hia uma visão quasi incomprehensível.

A personalidade e a morte de Astarté subsistem na obscuridade e a obscuridade é talvez o defeito d'este poema, ou porque o assumpto seja em si mysterioso ou por alguma pequena incuria da parte do auctor.¹

Manfredo desce ao inferno; ahi, pela evocação dos espiritos que rodeam Arimanes, surge Astarté, formosa ainda e sem a pallidez da morte, «mas tendo nas faces as côres estranhas dos heclicos, o rubor fóra do natural que o outono deposita nas folhas amortecidas.»

Astarté, piedosa e resignada, perdoando a quem a arrastou ao crime e á morte, é o symbolo da expiação. Fóra a innocencia, consumida pelas paixões; era a alma immortal, revivendo n'um horisonte de pureza. Manfredo, pantheista e sceptico, morre convencido de que a alma é immortal e de que parte de sobre a terra com a serenidade ou a inquietação devidas ao bem ou ao mal que praticou na vida.

A scena entre Manfredo e a fada dos Alpes é das mais grandiosas que se devem á penna de Byron.²

¹ Wilson, notas á edição de Murray, 1876, pag. 176.

² Jeffrey, Wilson, notas á edição citada, pagg. 181, 182.

A invocação ao sol e a descrição das ruínas do Colíseo, talvez a mais admirável descrição conhecida das ruínas de Roma, são trechos inimitáveis de poesia clássica e as descrições dos Alpes de fidelidade surpreendente.

Goethe dizia que o Manfredo era a imitação ou antes a reconstrução do Fausto, ultimada por um homem de génio, sendo do maior interesse examinar as alterações e o grau de semelhança ou dissimilhança entre o Manfredo e o original.¹

Byron, reconhecendo em Goethe a maior ilustração da Alemanha e da Europa, não admittia que o Manfredo fosse a imitação do Fausto.

Em 1820 escrevia ao editor Murray: Nunca li o Fausto e não sei allemão. Em 1816 estive em Coligny, onde Matthew Monk Lewis me traduziu de viva voz a maior parte do Fausto. Impressionou-me; foram porém o Staubach, o Jungfrau e alguma coisa mais, muito mais do que o Fausto, que me fizeram escrever o Manfredo. Não obstante ha muita semelhança entre a primeira scena e a do Fausto.²

Castelar na *Vida de lord Byron* e Taine na *Historia da litteratura ingleza* estabelecem o paralelo entre o Manfredo e o Fausto.

Castelar diz-nos que o Manfredo é o poema por excellencia de lord Byron, o poema do sentimento e o da natureza e o Fausto o poema da ideia e o da historia.

Percorrem-se, n'este, todas as paginas escriptas, desde o *fiat lux* na Biblia até á criação do papel moeda nas arcas dos judeus. No Manfredo examinam-se, desde as aguas até ás lagrimas, todos os elementos na sua essencia.

Ambos significam o desencanto que ha na limitação da vida humana. Fausto cança-se depois de ter pensado,

¹ Goethe, *A arte e a antiguidade*, citado a pagg. 191, 192 da edição de Murray, 1876.

² Carta de Byron, citada a pag. 191 da edição de Murray.

Manfredo depois de ter vivido. Um encaminha-se á morte como um doutor allemão; provou a medicina, a alchimia, as sciencias theologicas e a philosophia; souberam-lhe todas a cinza.

O outro encaminha-se á morte depois de ter sentido, de ter luctado, de ter amado inutilmente.

O poema de Goëthe e o de Byron conservam o mal como um companheiro inseparavel do protagonista. Byron, eminentemente individualista, supporta o mal como um cancro da consciencia e das entranhas; supporta-o encerrado no pensamento, adherindo ás carnes como uma pelle de fogo, diffundido pelo sangue como chumbo a ferver, como um corrosivo infindo e matisando-se em todas as suas deformidades e em todos os seus horrores. Goëthe, não; Goëthe é o philosopho, que observa o mal e o aceita nos limites da natureza e da vida humana como o companheiro inseparavel do bem, como a antithese que determina a these, a sombra que acompanha a luz, a febre que resulta do excesso de vida, o zangão que liba o mel, a dôr que produz, a duvida que cria, a negação que define e affirma. Byron sente o mal, Goëthe pensa-o.¹

Conforme a critica de Taine, o Manfredo, em todas as suas creações sobrenaturaes, está inferior ao Fausto.

É porém superior como descripção de um character forte e do dominio da vontade.

O *eu*, o invencivel *eu*, que não podem subjugar demônios nem homens, auctor unico do seu bem e do seu mal.

No Manfredo, o Arimanes, os espiritos e a fada dos Alpes são divindades de theatro. No Fausto, á semilhança dos antigos mysterios, os personagens celestes manifestam-se nas attitudes consagradas pelos textos da Escriptura, e os anachoretas, as mulheres santas e os doutores fluctuam em redor da Mater Gloriosa. Reconhece-se depois que nos

¹ Castelar, *Vida de lord Byron*, pag. 153 e seg.

differentes personagens sobrenaturaes do Fausto se substanciou uma ideia, ou signifiquem pessoas ou abstrações.

Mephistopheles é um revolucionario e um philosopho, — é o espirito que nega. Os anjos são a intelligencia ideal, que tudo ama por meio da sympathia, tudo comprehende por meio das idéas. A Divindade confunde-se com o absoluto inacessível. São os personagens do Fausto conformes á verdade historica das lendas que reproduzem e ás ficções dos periodos a que se referem e, quando representam allegorias ou symbolos, significam as leis fixas e invisiveis pelas quaes são regidas as forças da natureza.

Fausto é o maior poema do seculo dezenove por ser uma verdadeira epopeia em que intervêm verdadeiras divindades. Manfredo é o irmão gêmeo do Fausto. Goëthe foi o poeta do universo, Byron o do individuo; um foi o interprete do genio allemão, o outro o do genio inglez. Goëthe, conservando-se poeta, fez-se naturalista e geologo.

Na obra de Goëthe, a corrente de agua segue os accidentes do terreno; dão-lhe a perspectiva as ondulações de um horisonte luminoso; está-lhe imminente a neve dourada que exhala. Na obra de Byron, a corrente de agua converte-se em gelo informe, n'um rigido bloco de cristal.

Ha sempre um personagem unico. Homens, deuses, natureza, todo o mundo cambiante e multiplo de Goëthe desapareceu. Subsiste o poeta revelado pelo seu personagem. Concentrou-se por forma invencivel em si proprio; a mais ninguem conheceu; evocou differentes entidades, só para que lhe respondessem e persistiu em um monologo eterno atravez d'esta pretendida epopeia.¹

A critica d'estas duas illustrações contemporaneas demonstra a grandeza d'este monumento litterario.

Antes de começar a traducção parece ao traductor dever

¹ Taine, *Historia da litteratura ingleza*, lord Byron.

mencionar as versões estrangeiras ao subsidio das quaes recorreu como elementos de interpretação.

D'entre estas, (as de Benjamin Laroche e de D. José Alcalá Galiano y Fernandes de las Peñas), é digna de menção especial a admiravel traducção hespanhola de D. José Alcalá Galiano, escripta em verso, quasi sempre literal e conservando a construcção ingleza não obstante a diversidade da indole e da filiação das duas linguas.

PERSONAGENS

MANFREDO

UM CAÇADOR DE CAMURÇAS

O ABBADE DE S. MAURICIO

MANUEL

HERMAN

A FADA DOS ALPES

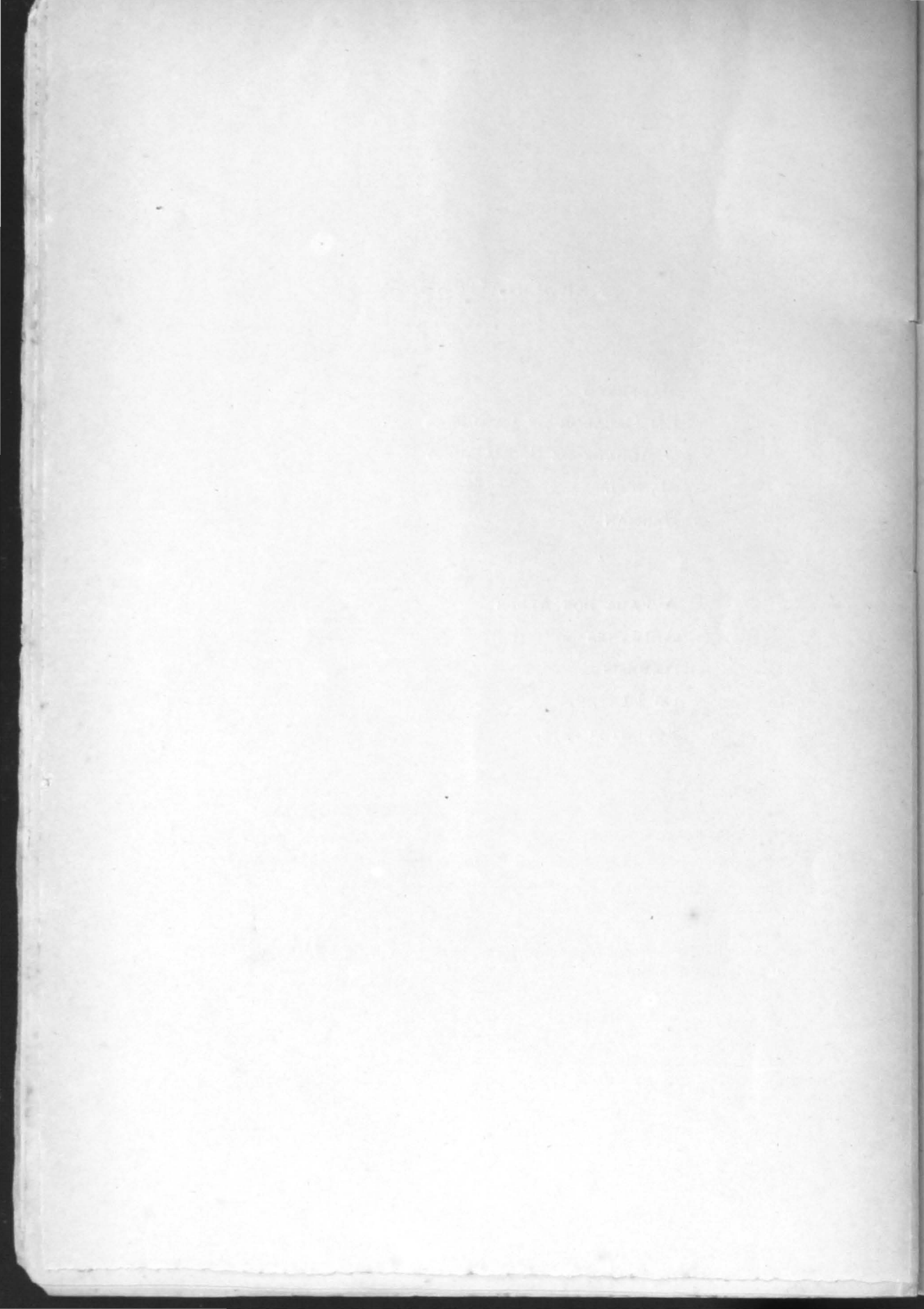
ARIMANES

NEMESIS

OS DESTINOS

ESPIRITOS, ETC.

A scena passa-se nos Alpes superiores; parte no castello de Manfredo e parte nas montanhas.



MANFREDO

POEMA DRAMATICO

Ha mais no céu e na terra do que pensaes na vossa philosophia, Horatio. (a)

ACTO I

SCENA I

UMA GALERIA GOTHICA.—É MEIA NOITE

Manfredo está só

MANFREDO

Força é reencher a lampada que, ainda assim, não terá luz por todo o tempo que forçoso é prolongar esta vigilia. Dormito apenas, se posso dormir, mas não durmo; pois é o meu somno a continuação de um tenaz pensamento a que não sei resistir. Vigia o meu coração; cerram-se estes olhos para ver interiormente e, não obstante, vivo e tenho o gesto e a estatura dos vivos. Mas o soffrimento devia ser o mestre dos sabios; a dor é a sciencia; os que mais

(a) Shakespeare, *Hamlet*, acto 1, scena v.

sabem, são os que mais fundamentalmente hão de lamentar a fatal verdade; a arvore da sciencia não é a arvore da vida. Philosophia, sciencia, origens do maravilhoso, conhecimento do universo, tudo estudei! tem a minha intelligencia o poder de as avassalar, mas não me aproveitam. Fiz bem aos homens; mesmo entre elles encontrei bondade, mas não me aproveitou. Tive inimigos; nenhum zombou de mim; muitos cahiram deante de mim e não me aproveitou.

O bem, o mal, a vida, o genio, as paixões, tudo o que vejo nos outros seres, tem sido para mim desde aquella hora sem nome como a chuva sobre as areias. Nada temo; sinto a maldição de não ter um só receio que seria natural, nem um suspiro, anhelante de aspirações ou de esperanças, nem um amor escondido a cousa alguma sobre a terra. Voltemos ao trabalho.

Poderes mysteriosos! Espiritos do universo illimitado! busquei-vos na luz e nas trevas! — a vós, que peregrinaes em redor da terra e viveis n'um ether mais subtil, que frequentaes os cimos das montanhas inacessiveis, — a vós, familiares das cavernas da terra e do oceano, eu vos invoco em nome dos encantos escriptos, que me dão poderes. Surgi! Aparecei! (*Pausa.*)

Não chegam. Pelas palavras do que é o primeiro entre vós; por este signal que vos faz tremer; pelos direitos d'esse que é imperecivel. — Surgi! Aparecei! Aparecei! (*Pausa.*)

Se assim é, espiritos da terra e do ar, não continuareis illudindo-me. Por um poder superior aos que evoquei, por um encanto cruel, gerado n'uma estrella condemnada, — ruinas ardentes de um mundo demolido, inferno errante pelo espaço eterno, — pela maldição poderosa que me opprime; pelo pensamento que está dentro de mim e em torno de mim: — Obedecei á minha vontade! Aparecei!

Vê-se uma estrella na extremidade mais escura da galeria; conserva-se immovel; ouve-se uma voz, cantando.

PRIMEIRO ESPIRITO

Mortal! obedeço-te! parti da minha estancia no interior de uma nuvem; ahí a construíram as brisas do crepusculo e a douraram os ultimos raios do sol de um dia estivo, dando-lhe as cores rubras e azues, unidas no meu pavilhão. Póde ser prohibido o que me pedes; não obstante parti; o raio de uma estrella me transportou. Obedeço ao teu esconjuro. Declara a tua vontade.

SEGUNDO ESPIRITO

O Monte Branco é o monarcha das montanhas. Ha muito lhe deram ellas, sobre um throno de rochedos, a corôa, um manto de nuvens e um diadema de neve. As florestas apertam-lhe o cinturão; n'uma das mãos sustenta a avalanche; mas, antes de cahir, aquella mole formidavel suspender-se-ha por meu mandado. Os geleiros colossaes movem-se frios e irrequietos e cada dia caminham. Só eu lhes mando que passem ou parem com os seus gelos. Sou o génio d'estes arredores. Peló meu poder o monte subverte-se e estremece até ás infimas cavernas. Que me queres?

TERCEIRO ESPIRITO

Ao mar profundo e azul, onde não luctam as vagas, o vento é desconhecido e a serpente dos mares tem vida, onde a sereia orna de conchas as tranças verdes; ahí, — ao meu calmo palacio de coral, — um echo enorme fez rolar o som de teus encantos, qual fôra o da tempestade correndo á superficie das aguas. Ao espirito do oceano revela o que desejas.

QUARTO ESPIRITO

Nasci onde o terremoto jaz adormecido sobre o fogo e os lagos de betume sobem aos ares em ebullição. Ahí adherem fundas á terra as raizes dos Andes, cujos pincaros voam para os céos. Deixei o meu logar nativo para sup-

portar os teus mandados. Subjugaram-me os teus encantos; a tua vontade será o meu guia.

QUINTO ESPIRITO

Sou o cavalleiro dos ventos, o instigador das tempestades. Desviei-me de um tufão, que ardia ainda com a luz dos relampagos, para correr á tua voz e passei nas lufadas do aquilo sobre as praias e os mares. Encontrei uma frota que navegava com vento de servir. Será, porém, submersa antes de acabar esta noite.

SEXTO ESPIRITO

Habito entre as sombras da noite. Porque me tortura com a luz a tua magia?

SETIMO ESPIRITO

A estrella, que rege o teu destino, foi, antes de a terra existir, regida por mim. Jámais um mundo tão novo e encantador girou em torno do sol; movia-se livre e regular; no espaço não se comprehendia uma estrella mais amavel. Chegou a hora; converteu-se n'um montão de chammas errante e informe; foi um cometa que se transviou, uma imprecação, ameaçando o universo, rolando sempre com força immanente, sem fórma espherica, sem orbita, — monstro, brilhante deformidade no firmamento! E tu, que nasceste sob uma tal influência! tu, verme a quem obedeço e desprezo, compelliste-me, (por um poder que não é teu e dado só para que eu te dominasse), a descer por este momento onde estes espiritos insignificantes giram em redor de ti e teem conferencias com uma entidade como tu! Que me queres, descendente do barro?

OS SETE ESPIRITOS

Aqui estão ao teu aceno e mando a terra, o oceano, o ar, a noite, as montanhas, os ventos e a tua estrella,

descendente do barro! Na tua presença estão os seus espiritos. — Que queres de nós, dize, filho dos mortaes?

MANFREDO

O esquecimento!

PRIMEIRO ESPIRITO

De que? — de quem? — e porque?

MANFREDO

Do que está no meu pensamento. Lêde-o; bem o sabeis, não vol-o posso dizer.

ESPIRITO

Só podemos dar-te o que temos. Pede-nos vassallos, a soberania, o poder sobre toda a terra ou parte d'ella, um signal dominador dos elementos que estão sob o nosso imperio. Cada uma d'estas coisas, — todas ellas, serão tuas.

MANFREDO

O esquecimento. — O meu proprio esquecimento. Não podeis extrahir o que vos peço d'esses reinos escondidos, que tão profusamente me offereceis?

ESPIRITO

Não está em a nossa essencia, na nossa capacidade. Podes simplesmente morrer.

MANFREDO

E a morte dar-me-ha o esquecimento?

ESPIRITO

Somos immortaes e não esquecemos. Somos eternos e, para nós, o passado e o futuro são o presente. Obtiveste resposta?

MANFREDO

Zombaes! Mas fez-vos meus o poder que vos trouxe

aqui. Escravos! não menosprezeis a minha vontade. A intelligencia, o espirito, o fogo de Prometheu, a scintella da minha existencia é tão brilhante, aguda e audaz como a vossa e, ainda que o barro a encerre, não vos cederá em cousa alguma. Respondei ou ensinar-vos-ei quem sou.

ESPIRITO

A nossa resposta já a demos. Comprehende-se nas tuas palavras.

MANFREDO

Porque o dizeis?

ESPIRITO

Se, como affirmas, a tua essencia é qual a nossa, replicamos-te, dizendo-te que não tem que ver connosco isso a que os mortaes dão o nome de morte.

MANFREDO

Foi inutil, n'esse caso, o ter-vos chamado de vossos reinos. Não podeis ou não quereis auxiliar-me.

ESPIRITO

Falla. Offerecemos-te o que temos; é teu. Antes de nos despedires, reflecte. Pede, ainda uma vez, um reino, o poder, o vigor, a prolongação dos teus dias.

MANFREDO

Malditos! que me importam os meus dias? São já por demais longos. — Ide-vos, parti!

ESPIRITO

Espera! Enquanto aqui estamos, quizera a nossa vontade prestar-te um serviço. Reflecte: não haverá outra dadia de algum valor aos teus olhos?

MANFREDO

Não, nenhuma. Ficae porem um instante ainda antes

de nos separarmos. Quizera ver-vos face a face. Ouço as vossas vozes, sons melancolicos e suaves como a musica sobre as aguas e ahi vejo immovel uma estrella grandiosa e brilhante e nada mais. Approximae-vos quaes sois, — um, ou todos, — sob a vossa imagem habitual.

ESPIRITO

A nossa configuração é a dos elementos de que somos o espirito e o principio. Escolhe, porém, uma imagem. N'ella te appareceremos.

MANFREDO

Não tenho escolha. Para mim não ha vulto sobre a terra que seja horrivel ou bello. Assuma, o que entre vós é o mais poderoso, o aspecto que mais conveniente lhe pareça. —Vinde!

ESPIRITO (Apparecendo sob a fórma de uma mulher bella)

Eis-me!

MANFREDO

Oh! Deus! — se és *tu* . . . se não és uma zombaria e uma loucura, podia ser ainda o mais feliz dos homens. Abraço-te e outra vez seremos . . . — (A visão extingue-se.) — Oh! o meu coração estala!

(Manfredo cae inerte).

Ouve-se por uma voz o que se segue: (a)

Quando fulgem sobre o mar os raios da lua e na relva estão os pyrilampos, nas sepulturas os meteoros e nos pantanos as phosphorescencias, — quando correm as estrellas cadentes e o echo responde ás corujas e as folhas das arvores estão em silencio nas sombras da collina, —

(a) Este trecho tem no original o nome de *Incantation*.

a essa hora, — a minha alma está sobre a tua com um poder e um signal.

Será talvez profundo o teu somno, mas o teu espirito não póde adormecer; ha sombras sempre inextinguiveis e pensamentos que não podes banir. Um poder, que desconheces, inibe-te de estares só. Pareces envolvida em uma mortalha e estás presa n'uma nuvem.

Viverás para sempre no espirito d'este encanto.

Não me vês passar juncto de ti; mas os teus olhos hão de presentir-me como se invisivel eu devesse estar e proximo tenha estado sempre de ti. E se, n'esse terror intimo, volveres a frente em redor, ficarás surprehendida vendo que ali não estou, como se fosse a tua sombra; e esse poder, de que sentes o impulso, será o que mais devas esconder.

Uma voz e um versiculo magicos deram-te o baptismo de uma imprecção e um espirito do ar te rodeou de insidias; os ventos, pelas suas vozes, hão-de prohibir-te a alegria; a noite recusar-te-á a serenidade do firmamento e o dia terá um sol que anhelarás desça elle ao occidente.

Das tuas lagrimas traiçoeiras distillei uma essencia capaz de matar; do teu coração espreni o sangue negro na sua mais negra origem; dos teus sorrisos arranquei uma serpente n'elles recolhida como em um silvado; dos teus labios extrahi um encanto que produziu todos estes males gravissimos; provei todos os venenos conhecidos e notei ser o teu o mais violento.

Pelo teu peito insensivel e o teu sorriso de serpente, pelos abysmos immensos dos teus ardis, pelos teus olhos que parecem da maior virtude, pela hypocrisia do teu espirito insondavel, pela perfeição da tua arte que fez julgar humano o teu coração, pelas tuas delicias no soffrimento alheio e pela tua fraternidade de Caim, approxima-te e obrigar-te-ei a seres o teu proprio inferno.

Inclino sobre ti esta redoma; todo o seu liquido se haure; assim estás submettida á tua provação; não dormir e não

morrer será o teu destino; a morte, aspiração tua, parecer-te-á proxima sempre e não será mais que um receio. Eis começa o encanto! rodeia-te, prende-te uma cadeia que se não sente; o verbo passou pelo teu coração e logo em seguida pelo teu cerebro; — agora mirra-te!

SCENA II

O MONTE JUNGFRAU. — AMANHECE.

Manfredo no extremo de uma rocha.

MANFREDO

Abandonam-me os espiritos que surgiram á minha voz; a magia, que estudei, zomba de mim; n'ella busquei allivio e encontrei tormentos. Não me escudarei mais em auxilios sobrehumanos; não têm poder contra o passado, e o futuro não me pertence investigal-o sem estar o passado submerso na escuridão.

Terra, minha mãe, e tu, primeiro alvor do dia, e vós, montanhas, porque tendes belleza? Não posso amar-vos. E tu, olho brilhante do universo, que para todos tens luz, para todos és uma delicia, — para mim não tens fulgor. E vós, rochedos, em cuja extremidade me levanto e onde contemplo os altos pinheiros, contrahidos pela distancia vertiginosa, como se fossem arbustos á beira da torrente que me está inferior, — porque me detenho? Se um salto, um ruido, um movimento, a respiração talvez, podem levar o meu peito a descançar para sempre n'aquelle leito de rochas? Sinto o impulso e não me precipito; vejo o perigo e não lhe fujo; vacilla a minha razão e estão firmes os meus pés. Prende-me um poder superior, vinculando-me fatalmente á vida; se é vida o supportar esta aridez do espirito, sendo a sepultura da minha alma, pois desci ao

ultimo degrau do crime e cessei de justificar-me de meus actos perante mim.

Passa uma aguia.

Sim! ministro alado, que fendes as nuvens; ergues-te ao céo em rapido vôo e bem podéras lançar-me as garras para ser presa tua e do teu ninho; mas partiste para onde a vista não pôde seguir-te e os teus olhos penetrantes fitam a terra, o horisonte e o céo. Quanto é bello todo este mundo visivel! quanto é glorioso em si e na sua acção! E nós, que nos dizemos soberanos do uuiverso, incapazes de voar ou descer ao centro da terra, metade pó, metade divinos, respiramos degradação e orgulho; somos um conflicto entre os elementos mixtos da nossa existencia e luctamos contra as necessidades vis e a vontade orgulhosa, até ao momento de predominar a morte e de serem os homens o que a si não dizem e o que não confiam uns dos outros. Escutemos! (Resoa a distancia a frauta de um pastor.) — Ouvem-se ao ar livre os sons, a musica simples do calamo das montanhas e, com ella, as suaves campainhas dos rebanhos vagabundos. Não são n'este logar os dias patriarchaes uma fabula pastoril. Quizera beber aquelles echos! Oh! fosse eu o espirito invisivel de um som adoravel, uma voz animada, a harmonia de um suspiro, um goso incorporeo, nascendo e morrendo com o canto abençoado que me desse a existencia!

Entra de um logar inferior um caçador de camurças.

CAÇADOR DE CAMURÇAS

Como sempre! — Por este caminho saltou a camurça; zombaram de mim os seus pés velozes; mal ganharei hoje para um trabalho como este sobre precipicios. — Quem está aqui? Não parece da minha profissão e, comtudo, chegou a uma altura que só os melhores caçadores d'entre os nossos montanhezes podem attingir. É nas vestes elegante, o seu gesto varonil e, a esta distancia, parece

orgulhoso como um aldeão nascido na independencia. —
Approximo-me.

MANFREDO (não o vendo)

Ser assim! encanecer de angustia como aquelles pinheiros carcomidos, ruinas de um só inverno, sem casca e sem ramos, apenas um tronco lascado pelo raio, — imagem da decadencia! — e uma raiz amaldiçoada. — E ser assim, — eternamente assim, — tendo sido de outra fórma! As rugas sulcam-me as faces; não as cavaram os annos, mas os instantes, as horas que estou sobrevivendo e comprehendem torturas de seculos! — Vós, rochedos de gelo, que estaes oscillando! avalanches, que um sopro arroja quaes montanhas pesadas, vinde e esmagae-me! A todo o momento vos ouço em cima, em baixo, estalar em frequente conflicto; mas passaes e ides cair sobre os que ainda que-rem a vida, sobre a joven floresta em flôr, sobre a cabana e o logarejo do aldeão inoffensivo.

CAÇADOR

Começam os nevoeiros a crescer do valle. Aviso-o de que desça ou corre perigo de perder o caminho e com elle a vida.

MANFREDO

Fervem os nevoeiros que circumdam os gelos; as nuvens erguem-se a meus pés em rapidas ondulações brancas e sulphureas como a espuma dos grossos mares do profundo inferno, que despenham as suas ondas contra a praia dos vivos, levando os condemnados aos montões como se fossem seixos. — Sinto-me vertiginoso.

CAÇADOR

É força approximar-me e ser prudente; um passo, rapido e mais de perto, fal-o-á estremecer. Já quasi parece sem equilibrio.

MANFREDO

Cairam as montanhas e deixaram uma abertura nas nuvens; com a queda estremeceram os seus irmãos Alpinos; as lascas da destruição esconderam a verdura dos valles; represaram-se os rios com aquelle subito encontro; as suas aguas condensaram-se em nevoas; as suas nascentes abriram novos canaes. — Assim, assim succedeu ao monte Rosenberg, quando chegou á extrema velhice. Porque não fiquei eu debaixo d'elle?

CAÇADOR

Amigo! tomae cuidado, um passo a mais póde ser-vos fatal. Pelo amor de quem vos deu a existencia, não vos demoreis sobre essa aresta.

MANFREDO (sem o ouvir)

Esse teria sido para mim um bom jazigo. N'aquella profundidade os meus ossos teriam quietação e não ficariam sobre os rochedos, dispersos ao capricho dos ventos; e assim o hão-de ser n'este instante em que vou precipitar-me. Adeus, céos crystallinos! não olheis para mim d'esse modo, como se me reprehendesseis; — não ereis feitos para mim.

Terra; ahí tens estes atomos!

Está proximo a precipitar-se do rochedo. Subito, o caçador de camurças lança-lhe a mão, detendo-o.

CAÇADOR

Pára, louco! — Não manches, se a vida te cança, a innocencia dos nossos valles com o teu sangue criminoso. Acompanha-me. Não te largo.

MANFREDO

Não me prendas; --o meu coração soffre muito; — estou

na maior fraqueza; — os montes correm girando em torno de mim. — Perco a vista; — quem és?

CAÇADOR

Em breve te responderei. — Partamos. — Vão engrossando as nuvens; — firma-te em mim; — põe ahí os pés; — toma este bordão e prende-te por um instante áquelle arbusto; — dá-me a tua mão e segura-te com força ao meu cinto; — devagar; — bem; — dentro de uma hora estaremos no Chalet. Ávante, já encontramos melhor caminho; alguma cousa que se parece com uma vereda, aberta desde o inverno pelas torrentes. — Segue; andaste como um valente; — devias ter sido caçador. — Acompanha-me. (Descem os rochedos com difficuldade. Finda a scena.)

ACTO II

SCENA I

NOS ALPES BERNESES. — UMA CABANA.

Manfredo e o caçador de camurças.

CAÇADOR

Não; fica ainda; não debes sahir já. O teu espirito e o teu corpo, ao menos por algumas horas, parecem incapazes de se regerem um pelo outro. Quando estiveres melhor, serei o teu guia. Para onde vaes?

MANFREDO

Que te importa? Sei o caminho; não preciso de guia.

CAÇADOR

O teu vestuario e o teu gesto dizem-me seres de alta linhagem, — um dos muitos potentados cujos castellos, erguidos sobre as rocas, olham para os valles inferiores. Qual d'estes te dá o nome de senhor? Conheço-lhes unicamente os portaes. Raro me conduz o meu genero de vida a aquecer-me ao fogo das vastas lareiras d'aquelles velhos solares e a embriagar-me com os vassallos juncto d'ellas. Mas conheço, desde a infancia, as veredas que das montanhas lá conduzem. Qual d'estes é o teu?

MANFREDO

Que te importa?

CAÇADOR

Basta, senhor, perdoa a pergunta e fica de melhor feição. Prova do meu vinho. É de antiga vindima; muitas vezes, entre as neves, desfez o gelo das minhas veias. Prestar-te-á, n'este momento, serviço igual. Bebe á minha saude.

MANFREDO

Retira-te. Essa taça está orlada de sangue. — E não o absorverá a terra?

CAÇADOR

Que dizes? Transvia-se a tua razão.

MANFREDO

Affirmo-te que é sangue, que é o meu sangue; o puro e quente liquido que correu nas veias de meus paes e nas nossas, quando nós eramos jovens e sentiamos amor como o não devíamos sentir. Foi então que o sangue se derramou; mas eil-o subindo e dando côr ás nuvens que me cerram o céu, onde tu não estás e onde eu nunca estarei.

CAÇADOR

Homem de palavras extravagantes e de algum peccado que, pela allucinação, te faz povoar o vácuo. Por maiores que sejam o teu receio e os teus soffrimentos, ha sempre allivio . . . — o auxilio dos homens santos e a paciencia que é do céu.

MANFREDO

A paciencia! a paciencia! Vae-te! — Essa palavra fez-se para as bestas de carga e não para as aves de presa. Vae prégal-a aos mortaes de um pó semelhante ao teu. — Não sou da tua condição.

CAÇADOR

Graças ao céu! não quizera ser da tua, pela fama livre de Guilherme Tell. É forçoso soffreres o teu infortunio e esses estremecimentos selvagens são inuteis.

MANFREDO

E não soffro eu? — Olha para mim; vivo.

CAÇADOR

São convulsões, e não é a vida de quem tem saude.

MANFREDO

Affirmo-te que tenho vivido muitos annos, muitos e longos annos, mas nenhuns para os que devo contar ainda . . . — seculos, — seculos, — o espaço e a eternidade, — tendo a consciencia e a sêde ardente e sempre inextincta da morte.

CAÇADOR

Mal apparecem sobre a tua frente os signaes da idade madura. Sou muito mais velho do que tu.

MANFREDO

Julgas que a existencia depende do tempo? Depende; mas os factos são as nossas epochas e os meus fizeram impereciveis e interminaveis os meus dias e as minhas noites, — atomos sem numero, tão semelhantes como as areias na praia; fizeram da minha existencia um deserto arido e frio. N'elle se quebram as ondas furiosas, deixando em reliquias, ossadas, naufragios, rochedos e as amargas algas marinhas.

CAÇADOR

Ai! Está doudo! Mas, ainda assim, é forçoso não o deixar.

MANFREDO

Quizera sel-o. Ao menos só veria um sonho desordenado.

CAÇADOR

E que vês ou julgas vêr?

MANFREDO

A mim e a ti, que és um rustico dos Alpes; vejo as tuas virtudes humildes, a hospitalidade do teu tecto, o teu espirito soffredor, piedoso, livre e sobranceiro. Vejo o respeito que, entre pensamentos de innocencia, tens por ti proprio; os teus dias cheios de saude, o somno das tuas noites, os teus trabalhos engrandecidos pelo perigo, mas des-

viados do crime, as tuas esperanças de uma velhice contente e de uma sepultura tranquilla, com uma cruz e uma grinalda sobre a verde relva, tendo por epitaphio o amor de teus netos. Eis o que vejo. — Depois olho para mim. Mas que importa? — a minha alma estava já transida!

CAÇADOR

E quizeras trocar pela minha a tua sorte?

MANFREDO

Não, amigo! não quizera offender-te nem trocar a minha sorte pela de qualquer vivente. Sei soffrer; infelizmente, porém, é sempre soffrer em vida, o que outros não podiam supportar em sonhos sem que morressem dormindo.

CAÇADOR

E podes, com este sentir prudente pelas afflicções alheias, ter a negrura do crime? Não o digas. Póde, quem é de pensar benigno, ter exercido vingança contra os seus inimigos?

MANFREDO

Oh! não, — não, — não. — Só injuriei os que me tiveram amor, os que mais amei. Só em justa defeza matei um inimigo; foi porém fatal o meu amplexo.

CAÇADOR

O céo te dê o descanso, e a penitencia te restitua a ti proprio. As minhas orações serão por ti.

MANFREDO

Não as preciso. É-me difficil supportar a tua compaixão. Retiro-me; é tempo; adeus! Aqui tens ouro e os meus agradecimentos. Não recuses; é o teu salario. Não me sigas; sei o caminho; passou o perigo da montanha; ordeno-te ainda uma vez, não me sigas. (Sae Manfredo.)

SCENA II

NOS ALPES. UM VALLE INFERIOR E UMA QUEDA DE AGUA.

MANFREDO

Não é ainda meio dia; cresce ainda sobre a torrente o arco traçado pelos raios do sol com as muitas côres do céu; toalhas de prata giram em columnas ondulantes pela superficie perpendicular de um rochedo ingreme e expellem, — para aqui, para ali e para ao longe, — as suas linhas de espuma luminosa, qual a cauda do pallido corcel, do cavallo gigante que ha de ser montado pela morte, como se diz no Apocalypse. N'este momento só os meus olhos haurem esta perspectiva adoravel; solidão amena a que, sem companhia, desci em homenagem a estas aguas e á sua divindade. Chamo-a!

Manfredo apprehende uma porção de agua, arremessa-a ao ar e murmura o esconjuro. Depois de um instante, surge a Fada dos Alpes sob o arco iris que se eleva sobre a torrente.

Espirito de belleza! São fulgidas as tuas tranças, os teus olhos são offuscantes de gloria. No teu vulto, os encantos da menos mortal das filhas da terra estão, n'uma essencia de mais puros elementos, engrandecidos a proporções sobrehumanas. As côres da tua juventude são quaes as do infante dormindo embalado ao impulso do coração materno ou quaes as roseas côres que o crepusculo deposita no estio sobre a neve virgem dos altos geleiros. O rubor da terra e o do céu, unidos, tingem o teu aspecto celestial e assim vences a belleza do iris que se eleva sobre ti.

Espirito de belleza! a serenidade da tua alma, que se manifesta immortal, reflecte-se na suavidade e na candura das tuas feições, onde leio o teu perdão, por te invocar e ver-te um momento, a um descendente da terra, a quem os

poderes mais reconditos por vezes permitem que com elles communique, se a magia lhe aproveita.

A FADA

Conheço-te e os poderes que te dão poder. Conheço-te pelos teus grandes pensamentos, pelas tuas obras boas e más. Sempre extremo, fatal e predestinado nos teus soffrimentos. Já te esperava. Que me queres?

MANFREDO

Ver a tua belleza e nada mais. A face da terra fez-me enlouquecer. São os seus mysterios o meu refugio e por isso invado as moradas dos que a regem. Mas não podem elles auxiliar-me. Pedi-lhes o que não podiam dar-me. Hoje nada mais peço.

A FADA

Qual seria o pedido que não estivesse no poder dos que mais podem, dos que regulam o invisivel?

MANFREDO

Uma graça. Mas para que repetil-a? fôra inutil.

A FADA

Não sei qual seja; falla.

MANFREDO

Sim; embora seja o meu tormento, é-me indifferente; a minha dôr terá por fim uma voz. Desde a minha juventude o meu espirito se desviou do convivio dos homens e não projectou vistas humanas sobre a terra. A sêde da ambição d'elles não era a minha; o alvo da existencia d'elles não era o meu. A alegria, a dôr, o genio, as paixões fizeram de mim um estranho. Tendo o vulto humano e sem estima pelos homens, d'entre as creaturas de barro que me rodeavam, só uma havia que... mas d'essa ainda não.

Disse-te que foi leve a minha união com os homens e

com o que elles pensam. Bem longe d'elles, era o meu regosijo respirar no deserto a atmosphaera doentia dos cimos das montanhas recobertas de gelo, onde as aves fogem de construir o ninho e os insectos de adejar sobre o arido granito; era submergir-me na torrente e rolar nas ondas do rio ou do oceano, batidas em veloz e frequente redomoinho. Assim exultou a força da minha juventude. Era seguir durante a noite os movimentos da lua e das estrellas; era fitar a luz dos relampagos até os meus olhos se escurecerem; era ver e ouvir as folhas das arvores, caidas e dispersas, quando os ventos do outono exhalavam os cantos do crepusculo. Assim me distrahia vivendo na solidão. E se, no meu caminho, os seres da minha especie, —(odiando eu que o fossem!), — cruzavam comigo, sentia que tinha caído para juncto d'elles e que era outra vez barro. Então, errante e sempre só, descia ás cavernas da morte e nos seus effeitos investigava as causas d'ella e d'entre os ossos mirrados, os craneos e o pó amontoado, tirei as conclusões mais prohibidas. Foi por isso que, durante annos, passei as noites entre as sciencias que só os tempos antigos estudaram e com o tempo e o trabalho, terriveis provações e uma penitencia, (que só ella tem poder sobre o ar e sobre os espiritos que peregrinam pela terra e o espaço, pela atmosphaera e o infinito povoado), os meus olhos foram familiares da eternidade como, antes de mim, os Magos e aquelle, a cuja voz surgiram em Gaddara das fontes onde habitavam Eros e Anteros, como tu surges á minha voz; e assim augmentou a minha sêde de nova sciencia e o vigor e o regosijo d'esta intelligencia brilhantissima até que...

A FADA

Prosegue.

MANFREDO

Oh! mas assim demorei as minhas palavras e blasonei estes inuteis attributos, pois me approximo ao mais fundo

da minha dôr. Continuemos porém. — Não te disse o nome de pae, de mãe, de amante, de amigo ou de algum ser com quem prendesse a cadeia das affeições humanas. Se as tive, não me pareceram taes. Não obstante alguém houve que...

A FADA

Não te detenhas; — prosegue.

MANFREDO

Parecia-se ella comigo nas feições, nos olhos, nos cabellos, em tudo; até o som da voz diziam ser parecido com o da minha voz; mas tudo suavizado, tudo dulcificado pela belleza. A solidão, o viver errante eram tambem os seus pensamentos; investigava as sciencias occultas, e a sua intelligencia comprehendia o universo. Não era só isto. Eram as suas faculdades mais gentis do que as minhas. A piedade, os sorrisos, as lagrimas, que eu não tinha, eram d'ella; eram-n'ò a ternura que eu tinha só por ella, a humildade que eu nunca tive. As suas faltas eram as minhas, a sua virtude era só d'ella. Amei-a e destrui-a!

A FADA

Por tuas mãos?

MANFREDO

Não foram as minhas mãos; foi o meu coração, que despedaçou o coração d'ella. — Viu-me e depois mirrou-se. Derramei sangue, mas não o d'ella; e comtudo foi o sangue d'ella derramado á minha vista e sem que eu pudesse estancar-o.

A FADA

E, por uma entidade da raça que desprezas, da ordem que, sendo a tua, quizera erguer-se até confundir-se comigo e os nossos, assim abandonas os dons da nossa sciencia poderosa e foges para os vís mortaes? Vae-te!

MANFREDO

Filha do Ar! Affirmo-te que desde essa hora . . . mas as palavras não são mais do que a respiração. Vigia o meu dormir; perscruta as minhas vigílias. Vem! senta-te junto de mim! A minha solidão já não é solidão, porque as fúrias a acompanham. Rangi os dentes na escuridão até ao romper da aurora, e enchi-me de imprecações até ao desaparecer do sol. Suppliquei a loucura como se fosse a felicidade; foi-me denegada. Arrotei a morte e, na lucta dos elementos, as aguas fugiram deante de mim e a fatalidade passou inoffensiva. A mão gelada de um demonio desapiadado susteve-me por um cabello que se não quebrou. Submergi-me na phantasia, na imaginação, em toda a affluencia da minha alma, — que algum dia foi um Cresus na creação, — mas ellas, com a violencia da maré que desce, arrojaram-me á voragem do meu pensamento insondavel. Submergi-me entre os homens. Procurei por toda a parte o esquecimento, menos onde elle está e onde deve encontrar-se. Eis o que me resta aprender. As minhas sciencias, a minha arte sobrehumana, estudada tão longo tempo, são mortaes sempre. Persisto no desespero; vivo e vivo para sempre.

A FADA

Pode ser que saiba auxiliar-te.

MANFREDO

Para isso é força que o teu poder acorde os mortos ou que eu caia ao lado d'elles. Fal-o por qualquer fórma — em qualquer hora — com qualquer tortura — comtanto que seja a ultima.

A FADA

Não está na minha provincia. Mas, jurando obedecer á minha vontade e cumprir as minhas ordens, podem ellas auxiliar-te no que pretendes.

MANFREDO

Não juro. — Obedecer! — a quem? Aos espiritos cuja presença domino? Ser o escravo dos que foram meus servos? Não.

A FADA

É tudo? Não tens resposta mais benigna? Reflecte e, primeiro que regeites, espera.

MANFREDO

Disse.

A FADA

Basta! — N'esse caso posso retirar-me. Dize!

MANFREDO

Retira-te! (Desapparece a Fada.)

MANFREDO

Somos o ludibrio do tempo e do terror. Colhem-nos de improviso os dias, e subito fogem de nós e vivemos com o tédio da vida e o temor constante da morte. Em todos os dias d'este jugo detestado, d'este peso vital que opprime o coração, que lucha submerso na dôr, ou batendo rapido de afflicção ou de alegria, que vae extinguir-se no estertor ou na consumpção, em todos os dias passados e futuros, pois não ha presente, quão poucos — ou menos do que poucos — podemos contar em que não se anhele a morte? E, todavia, fugimos sempre da morte como se foge no inverno da torrente de um rio, ainda que o frio seja de um instante. Resta-me na minha sciencia um recurso. Sei conjurar os mortos e perguntar-lhes que é isso que tememos ser?

A mais cruel resposta póde ser a da sepultura que é o nada. E se não responderem? . . .

O propheta sepultado respondeu á feiticeira de Endor. O espirito vigilante da donzella de Bysancio respondeu ao monarcha espartano, que lhe supplicava qual fosse o seu

destino. Havia elle morto a sua amante não sabendo a quem assassinava e pereceu sem perdão. Invocou o Jove Phyxius. Na Phigalia conjurou os sacerdotes arcades a constrangerem a sombra indignada a abandonar a colera e deter a vingança. Respondeu-lhes ella por palavras dvidosas. Realisaram-se porém. Não tivesse eu vivido, seria viva aquella a quem amo. Não a tivesse amado, seria bella, seria feliz, daria felicidade. O que é ella? O que é ella n'este instante? — Uma victima dos meus crimes — uma cousa em que não ousou pensar — um nada. Dentro em poucas horas, quando a chamar, não serão perdidas as minhas vozes. N'esta hora tremo do que vou arriscar-me a ser. Jámais, até esta hora, fugi de olhar para um espirito bom ou mau. N'este instante, porém, estremeço e sinto congelar-me o coração um frio estranho. Emfim sei pôr em acção o que mais detesto. Sei desafiar o medo proprio dos homens. Approxima-se a noite. (Sae.)

SCENA III

O CIMO DO MONTE JUNGFRAU.

Entra o primeiro destino.

PRIMEIRO DESTINO

Levanta-se a lua cheia, redonda e brilhante. Todas as noites pisamos, sem deixarmos vestigios, estas neves jámais pisadas pelos mortaes humildes, e resvalamos sobre os rochedos escabrosos do mar indomito, do oceano vitreo d'estas montanhas de gelo, que teem o aspecto da espuma da tempestade, arrojada sobre o solo e gelada n'um momento, — imagem de uma tromba que se houvesse paralyzado. Este pincaro, o mais alcantilado e fantastico, cinzelado por algum tremor de terra, onde as nuvens param

descançando quando passam, é consagrado aos nossos folguedos e ás nossas vigílias. De caminho para o palacio de Arimanes, aqui espero minhas irmãs, pois esta noite é a nossa grande festa. Surprehende, não chegam.

UMA VOZ (ao longe, cantando)

O usurpador captivo, expulso do throno, jazia sepultado em torpor, esquecido e na solidão; quebrei-lhe os seus leves somnos; parti a cadeia que o prendia; rodeei-o de multidões; eil-o outra vez tyranno. Responderá aos meus cuidados com o sangue de um milhão de homens, com a destruição de um paiz, a fugida e o desespero.

SEGUNDA VOZ

Cortava o navio o mar, cortava-o rapido; não lhe deixei uma vela nem um mastro. Não resta uma prancha do casco ou da coberta, nem um desgraçado que lamente este naufragio. Apenas detive pelos cabellos um que nadava. Era um sujeito digno dos meus cuidados; em terra um traidor e no mar um pirata. Salvei-o para levar mais longe a vingança e a ruina.

PRIMEIRO DESTINO (respondendo)

Jaz a cidade submersa no somno; o alvor da manhã chorará por ella. Caiu demorada e terrível a peste negra; os mortos jazem aos milhares; dezenas de milhares hão-de perecer, fugindo os vivos dos enfermos a quem mais deveriam amar. Nada vence o flagello que os mata. A nação está rodeada pela dôr, pela angustia, pela doença e o terror. Felizes os mortos, que não veem o espectáculo do infortunio proprio! Toda esta obra de uma noite, esta anniquilação de um reino foram tambem obra minha; durante os seculos o têm sido e hão de sempre renovar-se.

Entram o segundo e o terceiro Destinos.

OS TRES

Temos em nossas mãos os corações dos homens; as nossas pégadas abrem-lhes as sepulturas. Só damos para depois tirarmos a vida aos nossos escravos.

PRIMEIRO DESTINO

Salvè! — Onde está Nemesis?

SEGUNDO DESTINO

Com alguma obra de importância. Não sei qual seja. As minhas mãos estavam cheias de trabalhos.

TERCEIRO DESTINO

Eil-a que chega. (Entra Nemesis.)

PRIMEIRO DESTINO

Dize; onde tens estado? Demorastes-vos esta noite, minhas irmãs e tu.

NEMESIS

Demorei-me; concertei os thronos que estavam despedaçados, casei os doudos, restaurei dynastias, vinguei os homens de seus inimigos e fiz succeder ás suas vinganças o arrependimento. Levei os sabios á loucura, procurei, entre os ineptos, modelos para os oraculos que de novo regressem o mundo, pois os modelos antigos estavam fóra de moda e os mortaes ousavam pensar, pesar os reis na balança e fallar de liberdade, fructo prohibido. — Fugamos! Excedemos a hora! — Subamos ás nuvens!

SCENA IV

O PALACIO DE ARIMANES.
ARIMANES NO THRONO, (UM GLOBO DE FOGO
QUE OS ESPIRITOS CIRCUMDAM.)

Hymno dos espiritos

Viva o nosso imperante! O principe da terra e do ar, que passa atravez das nuvens e das aguas e rege os elementos, confundidos á sua voz no chaos. Se respira, a tempestade revolve os mares; se falla, respondem-lhe as nuvens trovejando; se olha, fogem os raios do sol ante os reflexos dos seus olhos e, quando se agita, os terremotos derrocam o mundo. A seus pés irrompem os vulcões; a peste é a sua sombra; os cometas os arautos da sua passagem pelos céos esbraseados; a sua colera converte em cinzas os planetas. A guerra todos os dias lhe offerece sacrificios. A morte paga-lhe o tributo. A vida é sua com todo o seu infinito de agonias e d'elle é o espirito de tudo o que existe.

Entram os Destinos e Nemesis.

PRIMEIRO DESTINO

Gloria a Arimanes! o seu poder augmenta sobre a terra. As minhas duas irmãs cumpriram os seus mandados; eu não descurei o meu dever.

SEGUNDO DESTINO

Gloria a Arimanes! inclinamo-nos ante o seu throno com humildade nós ante quem os homens se inclinam.

TERCEIRO DESTINO

Gloria a Arimanes! Esperamos um signal de seus mandados.

NEMESIS

Soberano dos soberanos! somos teus. Tudo o que vive mais ou menos é nosso; a maior parte do que existe pertence-nos absolutamente. Augmentarmos o nosso poder, augmentando o teu, são as nossas vigílias e cuidados. Os teus mandados ultimos foram cumpridos em toda a plenitude.

Entra Manfredo.

UM ESPIRITO

Quem está aqui? Um mortal? — Oh! o mais temerario, funesto e vil dos mortaes! Inclina-te humilde e adora!

SEGUNDO ESPIRITO

Conheço-o. É um mago de grande poder e de formidavel sciencia.

TERCEIRO ESPIRITO

Inclina-te humilde e adora, escravo! Que! não conheces o nosso e o teu soberano? — Treme e obedece.

TODOS OS ESPIRITOS

Roja-te no chão e contigo esse barro condemnado, descendente da terra, ou teme o que houver de peor.

MANFREDO

Bem sei e vêdes, todavia, que não ajoelho.

QUARTO ESPIRITO

Aprenderás.

MANFREDO

Já aprendi. Muitas noites reclinei a face no solo, sobre a terra nua e cobri a cabeça de cinzas. Conheci a humilhação em toda a plenitude; pois succumbi a um desespero inutil e ajoelhei ante o meu infortunio.

QUINTO ESPIRITO

Ousas recusar a Arimanes sobre o throno o que a terra toda lhe concede sem ter contemplado o terror da sua gloria? — De rojo; repito-te.

MANFREDO

Manda-lhe que se incline ante quem lhe está superior, ante o Infinito que tudo rege. O Artifice, que lhe deu vida, não lh'a deu para ser adorado. Que ajoelhe e nós ajoelharemos com elle.

OS ESPIRITOS

Esmaga esse verme! Fal-o em pedaços!

PRIMEIRO DESTINO

Retirae-vos! este homem é meu. — Principe dos poderes invisiveis! não é elle de condição humilde; o seu gesto, a sua presença n'este logar o denotam. Os seus soffrimentos têm sido de uma natureza immortal como a nossa; a sua sciência, o seu genio, a sua vontade, quanto é compativel com o barro que obstrue a essencia etherea, tem sido taes que raro é tel-as produzido o barro. As suas aspirações têm excedido as dos que habitam a terra, e só ellas lhe ensinaram o que nós unicos sabemos: que o saber não é a felicidade e que a sciencia é o cambio da ignorancia por outra especie de ignorancia. Não é só isto. As paixões, attributos da terra e do céo, de que nenhum poder, nenhuma existencia, nenhum verme que respire, está exempto, penetraram-lhe o coração; e, nas suas consequencias, fizeram-no tal que eu, desconhecendo a piedade, perdôo aos que sentirem piedade d'elle. É meu; poderá ser teu; que o seja, ou não, a nenhum outro espirito pertence n'esta região uma alma como a d'elle, — nenhum tem poder sobre a sua alma.

NEMESIS

O que faz elle aqui?

PRIMEIRO DESTINO

Elle que responda.

MANFREDO

Sabeis o que eu sei. Não me seria licito estar entre vós se não tivesse poderes; mas ha poderes ainda muito mais fortes. Procuro-os para que me respondam.

NEMESIS

O que queres?

MANFREDO

Não sabes responder-me. Conjura os mortos; — com elles trato.

NEMESIS

Grande Arimanes! Annues ao que este mortal pretende?

ARIMANES

Sim.

NEMESIS

E, d'entre os mortos, qual de novo exiges á vida?

MANFREDO

Alguem que não teve sepultura. — Evoca Astarté.

NEMESIS

Sombra! Espirito! ou o que sejas! ainda na posse de todo ou de parte do vulto que tiveste ao nascer, do molde do teu barro que voltou á terra! — Reapparece ao dia, qual eras outr'ora; tendo o coração, o gesto e o vulto redimidos d'entre os vermes! — Apparece! — Apparece! — Apparece! — Exige-te n'este logar quem para ahi te mandou. (Surge o phantasma de Astarté.)

MANFREDO

Será isto a morte? Tem as faces rosadas; porém, vejo agora, não são as côres dos vivos; são as côres estranhas dos hecticos; — é o rubor fóra do natural que o outomno

deposita nas folhas amortecidas. Oh! Deus! quanto eu tremo de a tornar a vêr! — Astarté! — Não... não lhe posso falar!... — Ordena-lhe que falle. Perdôa-me ou condemna-me.

NEMESIS

Em nome do poder que rompeu a sepultura, teu captiveiro, falla a quem te dirige a palavra ou aos que te chamaram.

MANFREDO

Continua em silencio. Para mim é mais do que uma resposta.

NEMESIS

Não vae mais longe o meu poder. Principe do Ar! Serás o unico; — ordena-lhe que falle.

ARIMANES

Espirito, obedece.

NEMESIS

Sempre em silencio. Não é dos nossos; pertence a outros poderes. Mortal! é inutil o que pedes; somos tambem escarnecidos.

MANFREDO

Ouve-me, ouve-me, Astarté, minha amada! Falla! Soffri tanto! soffro tanto! — Olha para mim! A sepultura não te mudou mais do que eu estou mudado por tua causa. Amaste-me o mais que podeste assim como eu te amei. Não estavamos destinados para nos atormentarmos por esta fórma, ainda que o nosso amor fosse o mais mortal dos peccados. Dize-me que não me aborreces, que supporto este castigo por nós ambos, que serás uma das bemaventuradas e que perecerei. Até hoje tudo o que merece odio tem conspirado para me vincular á existencia, á vida que me conduz ao horror da immortalidade e de um futuro semelhante ao passado. Não tenho descanso. Não sei a que aspiro nem o que pretendo; sinto, apenas, o que és e o que sou. Quizera ouvir, ainda um vez antes de morrer,

essa voz que foi a minha musica. — Falla! — No silencio da noite chamei por ti; estremeceram as aves que dormiam nos ramos tranquillos das arvores, accordaram os lobos nas montanhas e souberam as cavernas o teu nome que os echos repetiram inutilmente. Responderam-me elles; — houve muito quem me respondesse. . . espiritos e homens! — Só tu eras silencio sempre! — Falla! — Fui mais vigilante do que as estrellas, fitando os céos e procurando-te n'elles sem te encontrar. — Falla! — Errante por toda a terra, nada vi que se parecesse contigo. — Falla! — Olha para esses espiritos infernaes que nos rodeam. Elles têm piedade de mim; eu, que os não temo, só tenho piedade de ti. — Falla! — ainda que seja n'um impulso de colera; mas dize; não importa o que. Permite-me que ainda uma vez te ouça; — mais esta vez; — só esta vez!

PHANTASMA DE ASTARTÉ

Manfredo!

MANFREDO

Continua! — a minha vida prende-se a um som que é o da tua voz.

PHANTASMA

Manfredo! Ámanhã terminam sobre a terra os teus infortunios. — Adeus!

MANFREDO

Uma palavra ainda; — perdôas-me?

PHANTASMA

Adeus!

MANFREDO

Dize; encontrar-nos-hemos ainda uma vez?

PHANTASMA

Adeus!

MANFREDO

Uma palavra por mercê. Dize que me amas.

PHANTASMA

Manfredo!

O phantasma de Astarté desaparece.

NEMESIS

Partiu e não tornará a ser chamada. Cumprir-se-hão as suas palavras. — Volta á terra!

UM ESPIRITO

Está em convulsões. Eis o que é ser mortal e investigar o que está fóra da immortalidade.

OUTRO ESPIRITO

Vêde, porém, está senhor de si. Os seus tormentos estão tributarios da sua vontade. Fosse elle um de nós e teria sido um terrivel espirito.

NEMESIS

Exiges mais alguma cousa do nosso grande soberano ou de seus adoradores?

MANFREDO

Não.

NEMESIS

Até um dia.

MANFREDO

Tornar-nos-hemos a ver! Onde? Na terra? Sempre onde o quizeres e pela graça que me concedeste, retiro-me de-vedor. Saudo-vos!

Sae Manfredo. — Finda a scena.

ACTO III

SCENA I

UMA SALA NO CASTELLO DE MANFREDO

Manfredo e Herman

MANFREDO

Que horas são?

HERMAN

Falta uma hora para o sol posto que promette um crepusculo adoravel.

MANFREDO

Dize-me: está tudo disposto na torre, conforme ordenei?

HERMAN

Está tudo prompto, mylord. Aqui está a chave e o cofre.

MANFREDO

Bem. Podes retirar-te. (Sae Herman.)

MANFREDO (só.)

Estou sereno! Tranquillidade inexplicavel, que jamais conheci na vida! Se não soubesse que d'entre todas as vaidades a philosophia é a de maior esmalte e a palavra mais insignificante que, desde a giria das escolas, nos entreteve os ouvidos, julgaria haver-se encontrado o aureo segredo, o «Kalon» (a) tão procurado e ter elle a séde no meu espirito. Não permanecerá esta serenidade. Bom é porém tel-a conhecido, ainda que por uma vez só. Dilatou

(a) Kalon, — palavra grega, significativa do *bello*, no sentido directo e do *bem*, no sentido figurado (nota de D. José Alcalá Galiano)

os meus pensamentos com um sentir novo. Quizera notar-lhe a existencia no meu livro de lembranças. Quem está ahí?

Reentra Herman.

HERMAN

Mylord, o abbade de S. Mauricio deseja saudar-vos.

Entra o Abbade de S. Mauricio.

ABBADE

Paz seja com o conde Manfredo!

MANFREDO

Graças, santo padre! bem vindo és a estas paredes. A tua presença dá-lhes honra, e benção a quem dentro d'ellas habita.

ABBADE

Assim fosse, conde. Quizera porém conferenciar, a sós, contigo.

MANFREDO

Herman, retira-te. Que pretende o meu reverendo hospede?

ABBADE

Sem rodeios. A minha idade, o meu zelo, o meu dever, as minhas boas intenções devem pleitear pelos meus privilegios; a nossa visinhança, quando não íntima, próxima servir-me-ha de arauto. Propagam-se rumores estranhos, de natureza ímpia e prendem-se ao teu nome; um nome nobre ha seculos. Assim elle se transmitta sem mancha.

MANFREDO

Continua, ouço-te.

ABBADE

Diz-se teres conhecimento de cousas prohibidas á investigação dos homens; e que te reunes aos habitantes das moradas escuras, aos muitos espiritos do mal e do inferno,

errantes pelo valle das sombras da morte. Raro se unem os teus pensamentos aos dos homens, teus companheiros na criação e a tua solidão é qual a de um anachoreta. Fosse ella tão santa!

MANFREDO

E quem o affirma?

ABBADE

Os meus piedosos irmãos, os rusticos que teem medo e os teus vassallos que te olham com a maior inquietação. A tua vida periga.

MANFREDO

Ahi a tens.

ABBADE

Venho para salvar e não para destruir. Não investigo os segredos da tua alma. Se assim é, tempo é ainda para a penitencia e a piedade. Reconcilia-te com a verdadeira egreja e pela egreja com o céo.

MANFREDO

Attendo-te. Eis a minha resposta. O que sou, o que tenho sido, é só entre mim e o céo. Não escolherei um mortal para medianeiro. Pequei contra as vossas ordens? Provae-o e puni!

ABBADE

Meu filho! Não fallei em castigo, e só em penitencia e perdão. Pertence-te a escolha; e, finalmente, as nossas instituições e a força da nossa crença deram-me poderes para suavisar a vereda que do peccado conduz às esperanças mais sublimes e aos mais altos pensamentos. Sou eu o primeiro que deixo ao céo estas palavras do Senhor:— «A vingança é minha» e com a maior humildade o seu servo como um echo repete as suas terriveis palavras.

MANFREDO

Velho! não têm poder os homens sanctos e as orações

não conferem graça. O apparatus purificante da penitencia, um semblante constricto, os jejuns, a agonia e, mais do que tudo isto, as torturas inherentes a esse desespero profundo,—o remorso sem o temor do inferno, mas com a força de converter o céu em inferno,—não podem exorcizar de um espirito infinito o vivo sentir das proprias faltas, que são contra elle proprio offensas, soffrimentos e vingança. Não ha penãs futuras de valor egual á justiça infligida pelo condemnado á propria alma.

ABBADE

Tudo está salvo. Estes pensamentos desaparecerão; succeder-lhes-ha uma esperanza auspiciosa, mirando com tranquillidade esse logar abençoado que, depois da expiação, todos os que o procuram, podem conquistar, por maiores que fossem os seus erros sobre a terra. É começo de expiação sentir-lhe a necessidade. Falla e ser-te-ha ensinado o que a nossa igreja ensina e do que nós te soubermos absolver, serás perdoado.

MANFREDO

Quando agonisava o sexto imperador de Roma, victima do suicidio para evitar os tormentos da morte em publico, decretada pelo senado, outr'ora seu escravo, um soldado demonstrou leal piedade e quiz, com as vestes officiosas, estancar o sangue escorrendo da garganta do moribundo. O romano repelliu-o e, luzindo-lhe ainda o imperio nos olhos expirantes, disse: «É tarde de mais! Assim tens fidelidade?»

ABBADE

E que queres dizer?

MANFREDO

Respondo-te com o romano: «É tarde de mais».

ABBADE

Não o póde ser para te reconciliares com a tua alma e a tua alma com o céu. Não tens esperança? Surprehende! Os que desesperam do céu, amoldam-se a alguma phantasia sobre a terra e abraçam-se como uns naufragos a esse fragil tronco.

MANFREDO

Sim, padre! tive na minha juventude essas visões mundanas, tive nobres aspirações a subjugar como um pharol a intelligencia humana e a subir, não sabendo para onde. Devia talvez cair, mas cair... como a catadupa, que salta nas montanhas da altura mais surprehendente, desce em turbilhões de espuma ao abysmo e ahi jaz vigorosa sempre e expellindo columnas de nevoa, que jorram em chuvas das nuvens onde subiram. Isto, porém, passou e os meus pensamentos transviaram-se.

ABBADE

E porque?

MANFREDO

Não me foi possivel dominar a natureza. Tem de ser escravo quem pretende ser senhor; tem de ser lisongeiro, de rogar, de passar a vida entre vigílias e espionagens, de ser uma fabula viva, quem quizer ser poderoso entre os humildes; e humilde é o vulgo. Desprezei unir-me a um rebanho, ainda que fosse pastor de lobos. O leão vive só e assim vivo eu.

ABBADE

E porque não vives unindo-te aos homens?

MANFREDO

Porque a minha indole, não sendo cruel, era adversa á existencia. Quizera encontrar a destruição e não ser o auctor d'ella. Assim é o sopro esbraseado do simoun, o maior dos solitarios. Habita elle no deserto. Ahi varre as

areias estereis, onde não tem arbustos a queimar; ahí corre sobre essas ferozes ondas de areia e, mortifero para quem o encontra, a ninguém procura, se ninguém o procurar. Assim tem sido a minha existencia. Cruzaram-se porém no meu caminho entidades, que já desapareceram.

ABBADE

Ah! começo a receiar não haja auxilio meu ou da minha invocação que te aproveite. E, comtudo, tão novo ainda, quizera sempre...

MANFREDO

Olha para mim! ha gente que teve por condição o envelhecer ainda na juventude e morrer antes da idade madura, sem a morte violenta dos campos de batalha. Alguns morrem de prazer, outros de estudo; alguns consumidos de trabalho, de simples tedio, de doença, de loucura ou porque lhes estalou ou se lhes mirrou o coração. Esta ultima doença é a que, sob todas as fórmas, tendo nomes muito differentes, mata mais individuos do que estavam contados nos registos do destino. — Olha para mim! partilhei de tudo isto e uma só d'estas cousas bastaria... não te surprehenda pois o que sou, mas o que fui, ou que, tendo-o sido, persista ainda sobre a terra.

ABBADE

Ouve-me ainda...

MANFREDO

Velho! respeito a tua condição; tenho reverencia pela tua idade. Julgo piedosas, mas inuteis as tuas intenções. Não me consideres grosseiro; cortando desde já qualquer colloquio, serei mais benigno para ti do que para mim. Adeus.

Sae Manfredo.

ABBADE

Devia ter sido uma nobre creatura; tem toda a energia

capaz de dar existencia a um conjuncto excellente de elementos de gloria, se estivessem discretamente unidos; d'esta maneira são um chaos horrivel, luz e escuridão, intelligencia e pó, paixões e pensamentos de honestidade, confundidos, em lucta, sem ordem ou fim, todos escondidos ou destruidores. Perecerá e comtudo quizera salva-lo. Empregarei um esforço ainda, pois são estes os que merecem a redempção. É dever meu arriscar tudo por um fim de justiça. Sigo-o; prudente, mas firme.

Sae o abbade.

SCENA II

OUTRA SALA.

Manfredo e Herman.

HERMAN

Mylord, mandastes-me esperar-vos ao pôr do sol. Eil-o que se esconde por detraz da montanha.

MANFREDO

Sim? vou vel-o.

Manfredo encaminha-se para a janella.

Orbe glorioso! Idolo da natureza primitiva, da vigorosa ascendencia da humanidade robusta, dos gigantes que nasceram de um abraço dos anjos com um sexo mais bello do que elles, — o sexo que fez baixar do céu os espiritos errantes, que não podem lá voltar mais. Orbe muito glorioso! foste uma divindade, enquanto se não revelou o mysterio da tua criação. Ministro vigilante do Omnipotente! foste a alegria dos pastores da Chaldea nos pinca-

ros das suas montanhas, até ao momento de se prostrarem em adoração. Deus, materia, representante do desconhecido que te escolheu para protector! Tu, a primeira das estrellas, centro de muitas estrellas, que tornas habitavel a nossa terra e reges a côr e o sentir dos que se agitam á luz dos teus raios! Pae das estações! Monarcha dos climas e dos que n'elles habitam! pois de perto ou de longe, o nosso espirito e o nosso gesto recebem a tua influência; — levantas-te, brilhas e desapareces no esplendor da gloria. — Adeus! não mais te verei. O meu primeiro volver de olhos foi de amor e de surpresa por ti; recebe, por egual fórma e n'este instante, o meu ultimo olhar. Não mais terás fulgor para alguém que nos dons, no calor da vida, só encontrou a mais fatal natureza. Partiu. Acompanho-o!

Sae Manfredo

SCENA III

AS MONTANHAS.

A ALGUMA DISTANCIA O CASTELLO DE MANFREDO.
UM TERRAÇO DIANTE DE UMA TORRE.
É O CREPUSCULO.

Herman, Manuel e alguns dependentes de Manfredo.

HERMAN

É na verdade extraordinario! Desde alguns annos tem continuado, noite apoz noite, longas vigílias n'aquella torre sem testemunhas. Tenho lá estado e todos nós lá temos estado muitas vezes; mas, por ella ou pelo que n'ella se contém, impossivel fôra tirar conclusões absolutas do que seja a que tendam aquelles estudos. É certo haver um quarto onde ninguem entra. Dava os meus salarios de tres annos para lhe examinar os mysterios.

MANUEL

Seria perigoso; contenta-te com o que sabes.

HERMAN

Ah! Manuel! Não és novo e tens prudencia; podias dizer muito. Tens vivido no castello, — ha quantos annos?

MANUEL

Antes do nascimento do conde Manfredo, servia seu pae com quem absolutamente se não parece.

HERMAN

Ha mais filhos com taes predicados. Mas, qual a differença?

MANUEL

Não digo que differissem nas feições ou na estatura, mas no modo de pensar e de viver. O conde Sigismundo era orgulhoso, mas alegre e verdadeiro; — era um soldado e um folgasão. Não vivia entre a solidão e os livros, e não era para elle a noite lugubre sentinella, mas tempo festivo, mais jucundo do que o dia. Não errava, como um lobo, pelos rochedos e florestas e não se desviava dos homens e do que os deleita.

HERMAN

Era negregada a hora, mas eram tempos alegres, esses! Voltassem elles outra vez a visitar estas paredes velhas, que parecem tel-os esquecido.

MANUEL

Primeiro haveriam estas paredes de mudar de senhorio. Oh! Herman! Vi succederem-se dentro d'ellas cousas estranhas.

HERMAN

Vamos! conta-me como amigo alguma cousa que entre-

tenha este tempo de sentinella. Ouvi-te fallar, com obscuridade, de um acontecimento que teve logar perto d'aqui e d'esta mesma torre.

MANUEL

Essa é que foi devéras uma noite! Lembro-me bem. Era por um crepusculo, por um anoitecer como este; uma nuvem vermelha, assente no cimo do Eigher, lá estava como aquella, sendo talvez a mesma. O vento soprava sem força, mas tempestuoso; e as neves da montanha começavam scintillando á maneira que a lua subia. O conde Manfredo estava, como n'este instante, dentro da torre. Em que se occupasse não o soubemos. Com elle estava a companheira unica de suas viagens e de suas vigílias, — unica existencia, a quem parecia amar sobre a terra como, por certo, o sangue o obrigava a ter-lhe amor, Lady Astarté... sua... Silencio! quem vem ahi?

Entra o abbade.

ABBADE

Onde está vosso amo?

HERMAN

Ali, no interior da torre.

ABBADE

É forçoso fallar com elle.

MANUEL

É impossivel! Está completamente recluso; ninguem póde por tal fórma intrometter-se.

ABBADE

Tomo sobre mim toda a culpa d'esta falta, se falta é. Mas é indispensavel vel-o.

HERMAN

Já hoje o viste uma vez, ao anoitecer,

ABBADE

Herman! — Ordeno-te! Bate e informa o conde de que cheguei.

HERMAN

Não ousamos.

ABBADE

N'esse caso parece-me dever ser o arauto das minhas proprias intenções.

MANUEL

Reverendo padre, esperae! — Supplico-vos reflexão.

ABBADE

Porque?

MANUEL

Vinde por aqui. Dir-vos-hei o resto.

Sãem.

SCENA IV

O INTERIOR DA TORRE.

MANFREDO

Resplandecem as estrellas. Refulge a neve nos cimos das montanhas á luz da lua. É bello! Ainda luto contra a natureza, pois me tem sido a face da noite mais familiar do que a face dos homens, e nas sombras da noite, nas estrellas, na serenidade da escuridão e do silencio aprendi a linguagem de um outro mundo. Recordo-me de, quando na minha mocidade era viajante, que, por uma noite como esta, me encontrei dentro dos muros do Colisseo, no meio das reliquias principaes de Roma omnipotente. Erguiam-se as arvores por toda a extensão dos arcos despedaçados e ondulavam negras sobre o azul da meia

noite; pelas fendas das ruínas viam-se scintillar as estrelas; ao longe e para lá do Tibre latiam os cães de guarda; mais perto, saíam do palácio dos Cesares os gritos prolongados das corujas, e também, mas com interrupções, o canto adormecido das sentinellas distantes se ouvia e se perdia ao querer das auras gentis. Para lá das ruínas, vestígios do tempo, alguns cyprestes pareciam limitar o horisonte e apenas estavam ao alcance de um tiro de setta. Onde os Cesares habitavam, habitam as aves nocturnas com as suas vozes desafinadas e ahí, entre as arvores que ao lado das torres arrasadas crescem e confundem as suas raízes com as lareiras imperiaes, a hera usurpa o logar que pertenceu ao loureiro. Mas ainda lá está de pé o circo sanguinario dos gladiadores, — nobre destroço, perfeição das ruínas — e as salas dos Cesares e os palácios de Augusto jazem sobre a terra em decadencia indistincta. E nas tuas revoluções periodicas espargiste, oh! lua, sobre tudo isto a tua luz grandiosa e suave; dulcificaste a branca austeridade d'estas ruínas escabrosas; renovaste-las; preencheaste as lacunas que se devem aos seculos; deixaste a belleza ao que ainda existia; reconstruiste o que já não era e por fim converteste o logar em um culto, onde cahimos em silenciosa adoração perante os grandes de outr'ora, esses imperantes mortos, mas coroados, que de suas urnas regem ainda os nossos espiritos. Era por uma noite como esta! Surprehende-me que n'esta occasião me recorde assim! Mas notei sempre que as nossas idéas fogem mais impetuosas no instante em que deviam coordenar-se mais pensadoras.

Entra o abbade.

ABBADE

Mylord! — pela vossa bondade! ainda um segundo perdão. De novo me approximo de vós. Mas que o meu zelo humilde e rude vos não offenda. Recáia sobre mim todo o mal que n'elle haja; e os seus bons effeitos vos illuminem

a frente, — assim eu pudesse dizer vos illuminem o coração e o commovesse com palavras ou orações e teria chamado um nobre espirito transviado e não inteiramente perdido.

MANFREDO

Não me conheces. Os meus dias estão contados. Estão registadas as minhas obras. Retira-te ou corres perigo. — Vae-te!

ABBADE

Não intentas ameaçar-me?

MANFREDO

Não. Affirmo-te, simplesmente, que proximo está o perigo e quizera preservar-te d'elle.

ABBADE

Que queres dizer?

MANFREDO

Olha! que vês?

ABBADE

Nada.

MANFREDO

Olha! repito-te! e não vacilles. Dize-me agora o que vês?

ABBADE

Alguma cousa de que deveria estremecer, mas que não me intimida. Vejo surgir da terra uma figura sombria e medonha, qual fôra uma divindade do inferno, com a face envolvida em um manto e a estatura revestida de nuvens tempestuosas. Ella ahi está entre mim e ti. Não a temo.

MANFREDO

Não tens motivo. Não te offenderá. Sómente, vendo-a, os teus membros envelhecidos poderão paralyzar-se. Retira-te; repito-te.

ABBADE

E eu replico-te: Não; até vencer este inimigo. Que faz elle aqui?

MANFREDO

Ah! sim! que faz elle aqui? — Não o chamei; veio sem ser chamado.

ABBADE

Ah! mortal condemnado! que tens que ver com hospedes como este? Tremo por tua causa. Por que razão trocaes esses olhares de surpresa? Ah! descobre o rosto! as cicatrizes do raio gravaram-se na sua fronte. Os seus olhos expellem a immortalidade do inferno. — Foge!

MANFREDO

Dize: qual é a tua missão?

ESPIRITO

Acompanha-me.

MANFREDO

Quem és, ser desconhecido? responde; falla!

ESPIRITO

O genio d'este mortal. — Acompanha-me; é tempo!

MANFREDO

Estou preparado para tudo. Recuso-me, porém, a esse poder que me attrahe. Quem te mandou aqui?

ESPIRITO

Sabel-o-has em breve.

MANFREDO

Seres de uma essencia muito mais sublime do que a tua cumpriram as minhas ordens. Luctei contra os teus superiores. — Vae-te!

ESPIRITO

Mortal! a tua hora chegou, partamos; repito-te!

MANFREDO

Soube, sei que a minha hora chegou, mas não para te entregar a minha alma. Retira-te! morrerei conforme tenho vivido, só.

ESPIRITO

N'esse caso convocarei meus irmãos. — Surgi!

Surgem outros espiritos.

ABBADE

Fugi, espiritos do mal, fugi! digo-vos eu; não tendes poder onde a piedade o tem e em seu nome vos ordeno que...

ESPIRITO

Velho! conhecemo-nos, assim como a nossa missão e a tua ordem. Não inutilises n'uma pratica ociosa as tuas palavras santas. Fôra inutil; este homem está condenado. De novo o intimo. — Vamos!

MANFREDO

Desafio-vos; e todavia sinto que me foge a vida. Desafio-vos sempre. Não sahirei d'aqui, em quanto eu tiver na terra um folego, que sobre vós sobre todo o meu desprezo e um esforço para lutar, ainda que seja com espiritos. O que levardes, será arrebatado membro a membro.

ESPIRITO

Mortal obstinado! É este o Mago que pretendeu invadir o mundo invisível e ser quasi nosso equal? E assim tens amor á existencia que te fez desgraçado?

MANFREDO

Mentes, demonio aleivoso! A minha vida está na sua ultima hora; bem o sei. E não quizera redimir um instante d'essa hora. Não combato contra a morte, mas contra ti e os anjos que te rodeam. O poder que tive, não foi comprado por um contracto com os da tua coorte, mas por uma sciencia superior, pelo trabalho, pelo arrojo, pela extensão das minhas vigílias, pelo vigor intellectual e pela pericia na sciencia que era de nossos maiores, nos tempos em que a terra via os homens e os espiritos acompanhando lado a lado e vos não dava a supremacia. Persisto no meu valor — desafio-vos — renego-vos — escarro sobre vós — desprezo-vos!

ESPIRITO

Mas os teus muitos crimes fizeram-te...

MANEREDO

Que têm que ver com os meus crimes esses que são como tu? Deverão ser punidos os crimes por outros crimes e por maiores criminosos? — Retira-te para o teu inferno! — Não tens poder sobre mim, bem o sinto; nunca me possuirás, bem o sei. O que fiz, está feito; supporto uma tortura interior, que não será augmentada pelas tuas. A alma immortal tem em si a recompensa para os bons ou maus pensamentos. Dá ella origem e fim ao seu mal; dá-lhe logar e tempo. O espirito humano, despido d'este involucro mortal, não deriva a côr dos objectos que fluctuam exteriormente; mas absorve-se no soffrimento ou na alegria gerada na consciencia do merito proprio. Não me tentaste, nem podias tentar-me. Não fui teu ludibrio, nem sou presa tua. Fui eu quem me anniquilei e continuarei anniquilando-me na vida futura. — Para traz! demonios escarnecidos — está sobre mim a mão da morte e não a vossa!

Desapparecem os demonios.

ABBADE

Ah! como estás pallido! — tens os beiços brancos; — o teu peito arfa; — queres respirar e tens na garganta o som da rouquidão. Levanta as tuas supplicas ao ceu; — ora, — ainda que seja com o pensamento, — mas não morras assim.

MANFREDO

Passou! já não podem vêr-te os meus olhos embaciados. Tudo fluctua em redor de mim; a terra estremece como opprimida pelos meus passos. Adeus! dá-me a tua mão.

ABBADE

Frio! . . . frio até ao coração! — Mas . . . uma oração ainda. — Ah! como te sentes?

MANFREDO

Velho! não é muito difficil morrer!

Manfredo expira.

ABBADE

Partiu! A sua alma levantou o vôo de sobre a terra. Para onde? Tremo de o pensar, mas partiu!



NOTAS

(1) *Ouce-se por uma voz o que se segue*, pag. 21.

Estas estrophes, escriptas na Suissa em 1816, foram transmittidas para Inglaterra, devendo ser publicadas com o terceiro canto do *Childe Harold*. Thomaz Moore affirma que foram escriptas logo em seguida á ultima e infructifera tentativa de reconciliação, (com Lady Byron), sendo inutil dizer-se quem estivesse no pensamento do poeta, ao escrever as primeiras estancias.

(2) *aquelle, a cuja coz surgiram em Gaddara das fontes onde habitam Eros e Anteros*, pag. 34.

O philosopho Jamblico. Segundo a narrativa de Eunapio, á voz do philosopho Jamblico surgiram nas aguas thermaes de Gadara, na Syria, de duas nascentes denominadas Eros e Anteros, os dois Cupidos conhecidos por estes nomes na mythologia grega.

(3) *O propheta sepultado respondeu á feiticeira de Endor. O espirito vigilante da donzella de Bysancio respondeu ao monarcha espartano*, pag. 37.

(a) O propheta sepultado foi Samuel, que, pela evocação da pytho-nissa de Endor, predisse a Saul a morte no dia immediato na batalha de Gelboe.

(b) A donzella de Bysancio foi Cleonice.

Segundo a narrativa de Plutarcho, Pausanias, rei de Esparta, exigiu a entrega de Cleonice, donzella nobre de Bysancio.

Cleonice pediu que a deixassem recolher em silencio e em segredo. Pausanias dormia. Cleonice caiu sobre um candelabro, lançando-o ao chão. Pausanias julgou-se *accommettido* pelos inimigos e enterrou a espada no peito de Cleonice.

Perseguido pelo espectro de Cleonice recorreu a um templo de Hera-clea, onde se consultavam os manes. Ahí Cleonice, por palavras sibyllinas, lhe prophetizou a morte.

(4) *Incocou o Joee Phyxius. Na Phigalia conjurou os sacerdotes arcades*, pag. 38.

(a) Phyxius era uma das denominações de Jupiter. Invocava-se sob este nome, como divindade tutelar dos fugitivos, quando procuravam asylo evitando as perseguições.

(b) A Phigalia, cidade da Grecia antiga, é provavelmente Pavlitzna na actualidade.

Ainda hoje se admiram em Bassae, n'esta região, as ruinas do templo d'Apollo Epikourios, (protector), levantado em rasão de haver sido a Phigalia preservada da invasão da peste.

(5) *Quando agonisava o sexto imperador de Roma*, pag. 51.

Othon, imperador de Roma, suicidando-se depois de uma derrota proximo de Brixellum.

Ségundo a narrativa de Plutarcho, Othon, tão perverso em vida como Nero, teve os momentos ultimos de um philosopho.

Martial dedicou-lhe o seguinte epigramma:

Sit Cato, dum vivit, sane vel Cæsare major,
Dum moritur, numquid major Othone fuit?

(6) *Dos gigantes que nasceram de um abraço dos anjos com um sexo mais bello do que elles, — o sexo que fez baixar do céu os espiritos errantes, que não podem lá voltar mais*, pag. 54.

GENESIS, capitulo vi; v 2 e 4.

Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram, d'entre ellas, as que lhes agradaram mais;

Ora n'aquelle tempo havia gigantes sobre a terra.

A nota seguinte do padre Antonio Pereira de Figueiredo a este logar do Genesis esclarece o texto do poema inglez:

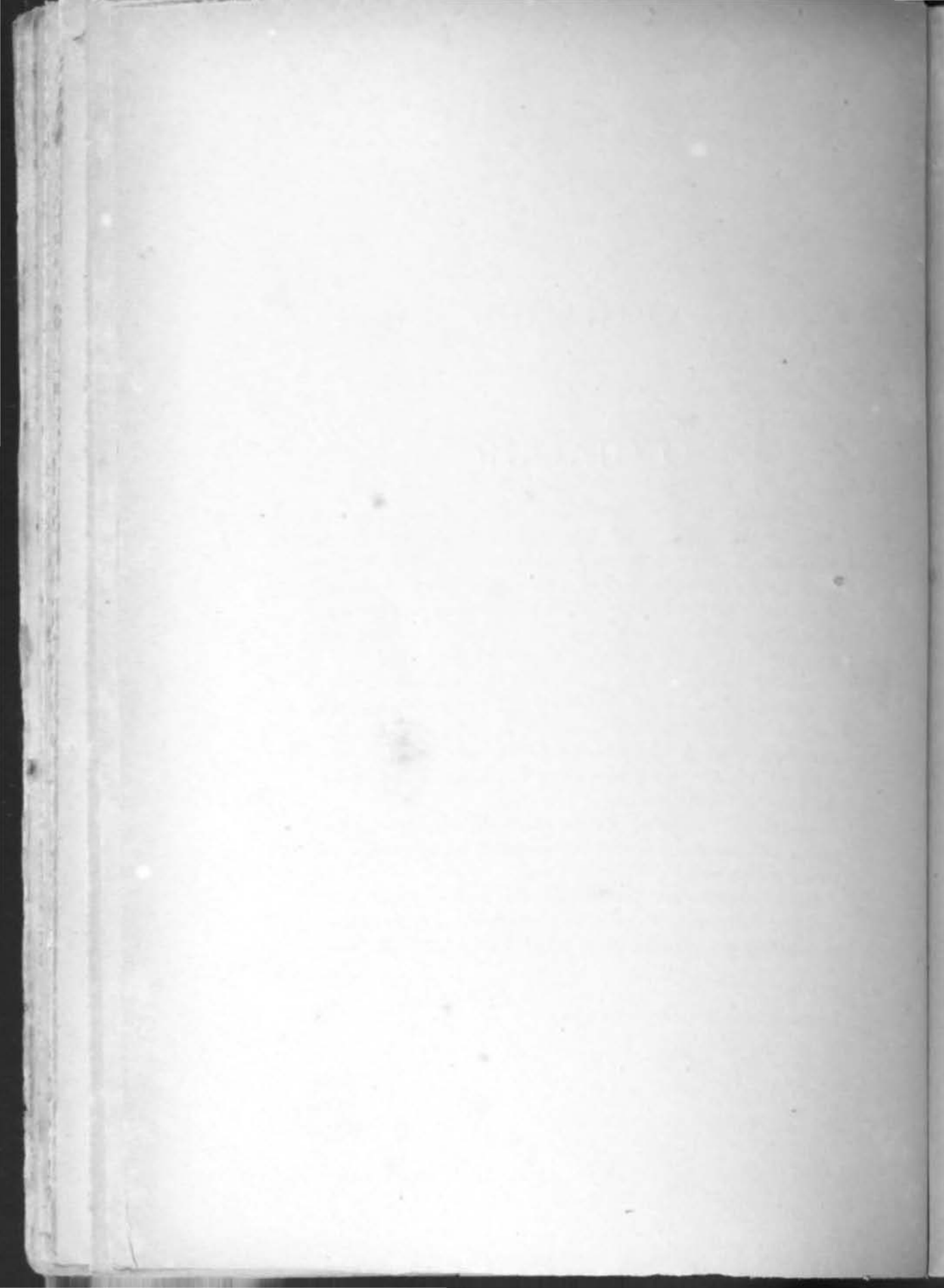
Alguns exemplares dos setenta liam aqui: Vendo os anjos de Deus etc. O que deu occasião a que a maior parte dos padres antigos caissem em varias asserções absurdas e intoleraveis. Porque S. Justino nas suas apologias avançou que do commercio monstruoso dos anjos com as filhas dos homens nasceram os demonios. Athenagoras na sua embaixada pelos christãos creu que a queda dos anjos veiu do seu amor impudico pelas mulheres e que do seu commercio com ellas nasceram os gigantes.....

As notas 1, 2, 3 (b), 5 e 6 são extractadas das notas que acompanham o poema.





O GIAOUR



O GIAOUR

I

O *Giaour*, publicado depois dos dois primeiros cantos do *Childe Harold*, continuou o grande nome que Byron conquistara pela peregrinação de Harold.

Comprehendem-se n'estas concepções factos analogos, dizendo sempre a mesma idolatria pelas recordações e as ruínas hellenicās e os usos e costumes orientaes e tambem a mesma apreciação severa dos modernos gregos.

No segundo canto do *Childe Harold*, o peregrino, navegando pelos mares da Grecia, avistava os rochedos, as collinas e os destroços dos templos pagãos, depositarios das memorias da antiguidade. E, tocando em terra, entrava na Albania, onde recebeu a hospitalidade sumptuosa do governador de Janina.

Ali-Pachá, — homem de guerra e de calamidades¹ — era o governador; venerando e suave no aspecto, mas fero em extremo e cheio de crimes.

Havia tempos que Ali fizera lançar ao mar doze mulheres, cosidas, cada uma, n'um sacco. Disse-se que estas mulheres soffreram o supplicio sem exhalar um queixume. Phro-

¹ *Childe Harold*, Canto II, Est. LXII.

sine, uma d'ellas, foi o thema de muitas canções romaicas e albanezas¹.

No *Giaour*, um pescador turco, fugindo aos piratas e acolhendo-se a *Porto Leone*, o Pireu, descreve do batel parte da narrativa que vê desenvolver-se á claridade de uma noite do Oriente, e que manifesta a ferocidade e a opulencia da Turquia e o estado de reacção da Grecia contra este imperio.

Reluz vivamente nas paginas do *Giaour* esta reacção.

Começou nos ultimos annos do seculo xvi entre os rochedos e as montanhas do Epiro; e, tomando vulto no seculo xviii, dilatou-se até ás guerras da independencia e proseguiu pelos tramites complicados que teem acompanhado a questão do Oriente.

Em 1821 foi declarada a guerra pela Grecia á Turquia.

A Grecia offerece, n'esta epocha, um quadro de dedicação e de heroismo.

Alguns sacrificaram completamente os seus haveres e todos se bateram corajosamente pela patria escravizada.

Depois de longos annos de luctas, quando a causa dos hellenos se dizia perdida, a intervenção da França, da Inglaterra e da Russia anniquilou, em 1827, na bahia de Navarin, a esquadra turco-egipcia.

Marco Botzaris, morto em 1823 na batalha de Karpenitzi, foi o mais illustre dos hellenos modernos.

Parecera á diplomacia europèa ser a questão do Oriente o pomo da discordia; e a Grecia era sempre o fóco d'onde irradiara em grande parte a moderna civilisação.

Affirma-se que Themistocles, destruindo na bahia de Salamina a esquadra de Xerxes e fazendo recuar o rei da Persia, invasor da Grecia, salvou a independencia do seu paiz e com ella a moderna civilisação, por quanto a anniquilação da Grecia era a da sciencia sob a crueldade dos asiaticos.

¹ Nota do original.

Assim foram os giaours e os caloyers julgados dignos de auxilio e de protecção.

Os caloyers são os monges gregos da ordem de S. Bazilio.

Giaour chamam os turcos a quem se recusa ás crenças do propheta; e o europeu, que atravesse Constantinopla, facilmente sentirá, não obstante a gravidade mussulmana, soltarem-se, de uma ou de outra viella, vozes de «giaour! giaour!» como quem lhe dissesse a peor injuria.

Capo d'Istria, que em 1828 assumira a presidencia da republica hellenica, foi assassinado em Nauplia em 1831, na egreja de S. Spiridion, pelos dois irmãos Mavromichalis.

A independencia da Grecia fôra reconhecida no tratado de Andrinopla em 1829; e Othon subiu ao throno em 1832.

É a Botzaris que a Grecia deve muito do seu renascimento. Os turcos, vencedores em Missolonghi, profanaram-lhe a sepultura; e David d'Angers, o grande esculptor francez, restaurando esse tumulo e ornando-o de uma estatua, symbolisou-a pelo vulto de uma rapariga, sobrejacente á lapide e procurando descobrir, por entre os arbustos, o nome de Botzaris.

Byron não se illudiu, quando em 1823 organisou uma expedição para auxiliar os hellenos.

O *Giaour*, publicado em 1813, affirma a decadencia da Grecia, engrandecida unicamente pela antiga influção.

Em 1824, pouco antes de expirar em Missolonghi, elle levantou um canto ultimo, que foi uma evocação, não aos hellenos que já não dormiam, mas a si proprio, que sentia extinguir-se-lhe a vida e procurava nos campos de batalha uma sepultura gloriosa.

II

Ha nas primeiras estrophes do *Giaour* uma invocação ao archipelago grego e a Colona, ou Sunium, o promontorio extremo e mais meridional da Attica.

De Colona, referem os viajantes, avista-se uma perspectiva deslumbrante, alcançando as praias do Peloponeso, o golpo d'Égina e o archipelago grego, engastado nas aguas do Egeu.

Em Sunium erguia-se, sobranceiro ao mar, o templo de Minerva, a divindade tutelar de Athenas; templo de que restam quinze columnas, açoutadas e corroidas pelos vendavaes e conservando ainda a alvura dos tempos primitivos.

Nos rochedos de Colona, onde uma stéla de marmore encima a sepultura de Ottfried Müller, o sabio mythologo e historiador da raça dorica, levantavam-se tambem as ruinas de um sarcóphago, que se diz ter sido o tumulo de Themistocles. Ahi se lia uma inscripção funeraria, attribuida a Platão¹.

Os primeiros versos do *Giaour* parecem dictados por este epitaphio.

Seguem-se imagens esplendidas, semelhando aos vestigios da belleza n'um cadaver de poucos momentos a formosura d'aquellas regiões, submettidas aos turcos e na antiguidade o centro de um bulicio extremo e da liberdade como então se comprehendia.

Era sempre um brado de alento e de excitação a uma nacionalidade que parecia extincta e em breve ia resurgir.

¹ Nota do original.

Casimir Delavigne reproduziu-o n'estes versos da *Messeniense* XII:

Contemplez une femme, avant que le linceul
 En tombant sur son front brise votre espérance,
 Le jour de son trépas, ce premier jour de deuil
 Où le danger finit, où le néant commence:
 Quelle triste douceur! quel charme attendrissant!
 Que de mélancolie, et pourtant que de grâce
 Dans ses lèvres sans vie où la pâleur descend!
 Comme votre œil avide admire en frémissant
 Le calme de ses traits dont la forme s'efface,
 La morne volupté de son sein pâissant!
 Du corps inanimé l'aspect glace votre âme;
 Pour vous-même attendri, vous lisez vos destins
 Dans l'immobilité de ses beaux yeux éteints.
 Ils ont séduit, pleuré, lancé des traits de flamme,
 Et les voilà sans feux, sans larmes, sans regard!
 Pour qu'il vous reste un doute il est déjà trop tard;
 Mais l'espoir un moment suspendit votre crainte,
 Tant sa tête repose avec sérénité,
 Tant la main de la mort s'est doucement empreinte
 Sur ce paisible front par elle respecté,
 Où la vie en fuyant a laissé la beauté.

C'est la Grèce, as-tu dit, c'est la Grèce opprimée;
 La Grèce belle encor, mais froide, inanimée,
 La Grèce morte!.....

Os autographos comprovam a rapidez com que foi escripto o *Giaour*.

A penna seguia com difficuldade a imaginação prodigiosa, que diminuta competencia póde ter entre os mais notaveis pensadores.

III

Antes de se apresentar a versão, por certo defeituosa, de um dos mais notáveis poemas do seculo, deverão talvez mencionar-se alguns trechos de Macaulay, que directamente se referem á phase descripta no *Giaour* e ao seu auctor.

São os que se seguem:

Uma nação que foi na antiguidade a primeira das nações, preeminente na sciencia, na gloria militar, berço da philosophia, da eloquencia e das bellas artes, succumbira por seculos a um jugo cruel.

Todos os vícios que a oppressão gera, os vícios abjectos que gera nos que se lhe submettem, os vícios ferozes que gera nos que a combatem, aviltaram o character d'essa raça miseravel. A coragem, que vencera a grande batalha da civilisação humana, salvara a Europa e subjugar a Asia, extinguiu-se entre piratas e salteadores. O engenho, que outr'ora se desenvolvera tão conspicuo nas diferentes secções das sciencias physicas e moraes, corrompera-se em astucia timida e servil.

Subito, este povo degradado surgiu contra os oppressores.

Descorçoado ou trahido pelos potentados que o rodeavam, algo encontrou em si que bem poderia ter supprido todo o auxilio estranho, algo da energia de seus paes.

Lord Byron, como homem de letras, não podia deixar de tomar interesse pelo resultado d'esta lucta. As suas opiniões politicas, sem firmeza como todas as suas outras opiniões, pendiam fortemente para a liberdade. Auxiliara com dinheiro os insurgentes italianos; e, se elles houves-

sem prolongado a resistencia ao governo austriaco, auxiliál-os-hia provavelmente com a espada. Mas á Grecia affeioavam-o laços peculiares.

Ahi residira ainda novo. Muito da sua poesia mais esplendida e popular fôra inspirado pelas perspectivas e a historia da Grecia. Doente de inacção, degradado aos proprios olhos por seus vicios e defeitos litterarios, anhelando excitações desconhecidas e distincções honrosas, arrastou ao campo dos gregos o corpo exausto e o espirito maltratado.

O vigor e o bom senso, que manifestou n'esta situação nova, justificam-nos se julgarmos que, vivendo por mais tempo, se distinguiria como militar e politico. Mas o prazer e a dor haviam completado a obra de setenta annos n'um corpo delicado.

A mão da morte estava sobre elle. Soube-o; e disse que só desejava poder encontrar a morte, tendo a espada na mão.

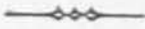
Foi-lhe recusado. A anciedade, o esforço, os perigos a que se expunha e esses estimulantes fataes, que se lhe haviam tornado indispensaveis, cedo o estenderam no leito da doença, n'uma terra estranha, entre estranhos, sem ter junto de si um ser humano a quem estimasse. Ahi, aos trinta e seis annos, o inglez mais celebre do seculo dezanove cerrou a sua carreira brilhante e miseravel.

Entre a numerosa juventude, para quem a leitura quasi exclusivamente se prende nas obras de imaginação, a popularidade de lord Byron foi illimitada. Compraram-lhe os retratos; fizeram thesouro das suas mais insignificantes reliquias; aprenderam-lhe os poemas de cór e tiveram o maior desvelo em escrever como elle e apresentar-se como elle. Muitos ensaiaram-se ao espelho na esperança de lhe apprehenderem a contorsão do labio superior e o aspecto carrancudo de alguns dos seus retratos. Houve quem se desfizesse da gravata á imitação do seu grande director.

Esta affectação desapareceu; e poucos annos mais destruirão o que ainda resta d'esse poder magico, que pertenceu outr'ora ao nome de Byron. Para nós é sempre um homem novo, nobre e infeliz. Para nossos filhos será simplesmente um escriptor; e, n'um julgamento imparcial, elles lhe demarcarão o logar entre os escriptores sem attenderem á sua nobreza ou historia particular.

Que a sua poesia soffrerá um severo exame, que será rejeitado como indigno muito do que os contemporaneos teem admirado, pouco duvidamos. Mas tambem duvidamos pouco de que ainda restará muito que só póde perecer com a lingua inglesa. †

† Lord Byron by lord Macaulay, (June 1831.)



A
SAMUEL ROGERS, ESQ.

COMO DIMINUTA

MAS MUITO SINCERA HOMENAGEM DE ADMIRAÇÃO PELO SEU GENIO

DE RESPEITO PELO SEU CHARACTER

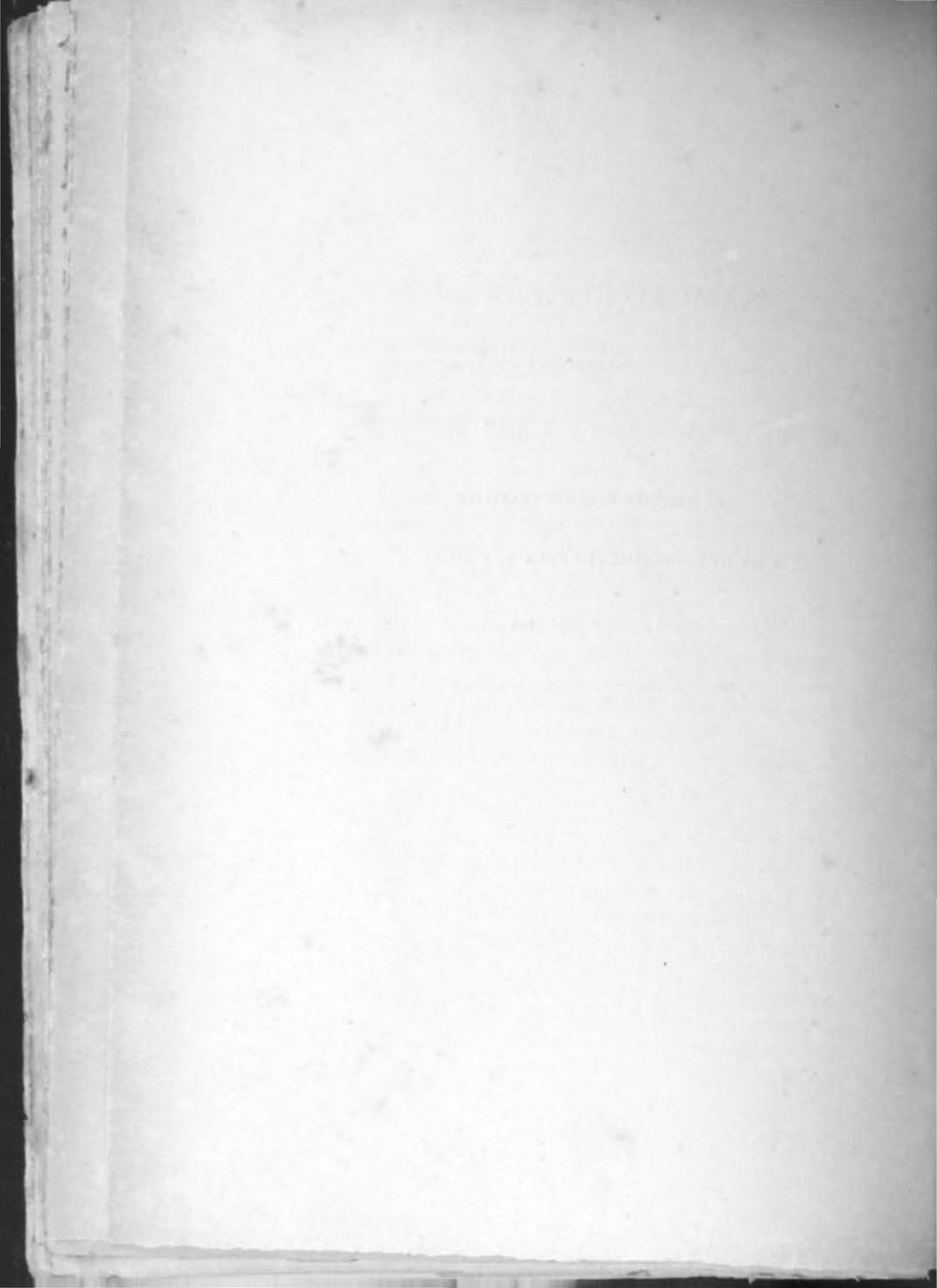
E DE RECONHECIMENTO PELA SUA AMIZADE

É DEDICADA ESTA OBRA

PELO SEU SERVO AGRADECIDO E AFFEIÇOADO

Londres, Maio 1813.

BYRON.



ADVERTENCIA

A narrativa, revelada n'estes fragmentos dispersos, toma a origem de occorrencias hoje menos frequentes no Oriente do que outr'ora, ou porque as mulheres sejam mais circumspectas do que nos tempos antigos, ou porque tenham mais fortuna os christãos ou sejam menos emprehededores. A historia, na integra, comprehendia as aventuras de uma escrava, lançada ao mar como desleal, segundo o uso dos mussulmanos, e vingada por um joven veneziano, seu amante, quando as sete ilhas estavam sob a vassallagem da republica de Veneza, logo depois do exterminio dos albanezes, que por algum tempo subjugaram a Moréa, immediatamente á invasão dos russos. Os Mainotes, por lhes ter sido recusado o saque de Misitra, desertaram; e d'este abandono provieram os desastres da Moréa, onde por toda a parte se exerceram crueldades que não teem paralelo nos annaes dos crentes.



O GIAOUR

FRAGMENTO DE UMA HISTORIA TURCA

Recordação fatal, mágoa que projecta a gelida sombra nas nossas alegrias e nas nossas dores. Não lhe dá a vida mais luz ou escuridão, e não são d'ella os balsamos do regosijo nem as amarguras do soffrimento.

MOORE.

Nenhuma briza agita o mar que róla por debaixo da sepultura do Atheniense; d'esse tumulto rutilante no cimo de um rochedo, sendo o primeiro a saudar o baixel que torna ás aguas patrias, e orgulhoso sobre o solo que o heroe libertou em vão. Quando viverá outro heroe tal como elle?

.....

Formoso clima! onde as estações sorriem benignas para essas ilhas abençoadas, que saudamos exultando ao descobril-as dos pincaros longinquos de Colonna e de que ressumbram delicias para a solidão.

A face do oceano, brandamente franzida, reflecte as côres

..

das muitas montanhas, impressas nas ondas que banham jucundas estes Edens dos mares do Oriente. E quando, ao perpassar da briza, o crystal azul das aguas se quebra, ou foge uma flôr cahida do arvoredó, como é bem vinda a viração gentil que alli dá vida aos perfumes, levando-os na aragem!

Nos rochedos e nos valles, a rosa, a sultana do rouxinol, por quem as melodias, as suas mil canções se ouvem no alto, floresce e córa, tímida, ao que lhe conta o seu amante, e a rosa, a sua rainha e a rainha dos jardins, sem que as lufadas a opprimam, ou a congelem as neves, longe dos invernos do Occidente e abençoada pelas brizas e as estações, devolve ao firmamento em purissimo incenso os dons da natureza e, na fragrancia de seus suspiros e na belleza de suas côres, teem dadivas de gratidão áquelle céo ridente.

E lá estão muitas flôres do estio, muitas sombras benignas para o amor e muitas grutas feitas para o descanso, que occultam o pirata, seu hospede. Esconde elle em baixo a barca e espreita, no abrigo da enseada, que passe o batel inoffensivo e que se ouça a guitarrra do marinheiro folgasão ao refulgir a estrella do crepusculo.

Então é que os salteadores nocturnos apertam os remos e vogam á surdina por entre as largas sombras dos rochedos e cahem sobre a presa, transformando em gemidos aquelles canticos.

Surprehende! A natureza delineou um ninho quasi divinal, mixto de graças e enlevos, no paraíso que alli firmou; e os homens, enamorando-se do infortunio, maltrataram-no como se fosse um deserto, e brutaes pisaram as flôres que ao longo d'esta terra de encantos, sem o trabalho de uma hora, não pedindo cultura, crescem para prevenir cuidados e supplicar que não as magoem.

Surprehende! Alli tudo é paz, e a paixão irrompe orgulhosa e reinam ferozes a luxuria e a rapina, escurecendo aquelles dominios de belleza. Dir-se-hia que os demonios

assaltaram e venceram os seraphins e que os herdeiros do inferno se levantaram e permanecem livres nos thronos celestes; tão serena é a perspectiva e tão destinada para o regosijo, quanto merecem a maldição os tyrannos que a destroem.

Quem se reclinou ante um cadaver sem ter passado o dia primeiro da morte, — o primeiro da escuridão do nada e o ultimo de afflicção e perigo, — (emquanto os vestigios da belleza que soffreu não foram varridos pelos dedos destruidores da anniquilação), quem lhe contemplou o aspecto angelico e suave, um raptó de repouso ainda inextincto, os traços fixos, mas tenues, que sulcam a languidez das placidas feições, os olhos tristes e pisados, sem luz, seducção ou lagrimas, e a fronte gelada e inerte que, pela fria immobilidade da morte, prende com pasmo e lucto; quem, tremendo, como se aquelles restos fossem já os seus, não desviou comtudo a vista, sim! esse, por alguns e só alguns instantes, por uma hora perfida, duvidou talvez de que houvesse a tyrannia exercido o seu poder; tão bello, tão sereno e meigo é o olhar primeiro e ultimo revelado pela morte! Esse é o aspecto d'estas praias. É a Grecia, mas não mais a Grecia viva. De tão fria amenidade e de tão fatal belleza que estremecemos, pois o seu espirito já alli não está. É d'ella essa amabilidade que, na morte, não parte de todo, quando partiu a respiração e a sua belleza tem os rubores sinistros, a cór que a segue ao tumulo. É a luz fugaz da expressão final, um circulo dourado, pairando em tórno da mortalidade, um raio do sentimento que passou e se despediu; faisca de uma chamma de origem talvez celeste e resplandecente ainda, mas sem aquecer já a terra do seu amor.

Patria de heroes, que jámais hão de esquecer! Solo que foi, das planicies aos reconcavos das montanhas, o berço da liberdade e a sepultura da gloria! Reliquias dos fortes!

É possível que de vós apenas isto exista?

Approxima-te, escravo cobarde e vil, dize: Não são estas as Thermopylas? — Dizei, servil descendencia dos livres, de que mares, de que praias são as aguas ceruleas que se dilatam em redor? São do golpho e dos rochedos de Salamina.

Que estas perspectivas e a sua historia não desconhecida resurjam e fazei por que sejam vossas. Subtrahi das cinzas dos antepassados a scintilla da luz que os animou e reunirá ao d'elles um nome temido, (estremecendo os tyrannos de ouvil-o), quem morrer na lucta e deixar aos filhos a esperanza e a fama de que soffrerão a morte e não o opprobrio; pois os combates pela liberdade, que se travaram outr'ora e foram legados pelos paes aos filhos com a ultima gotta de sangue, têm certa a victoria, mau grado aos escarneos de muitos. Seja testemunho, oh! Grecia, o das tuas paginas vivas, que attestam muitos seculos immortaes! Sumiram-se os reis na pulverulenta escuridão e deixaram pyramides sem nome. Os teus heroes, se uma geral condemnação lhes recusou columnas aos tumulos, imperam em monumentos de maior grandeza, — nas montanhãs da sua terra natal! Ahi a tua musa indica ao estrangeiro as sepulturas dos que não podem morrer. De longa descripção e exame doloroso é a vereda, que vai do esplendor á desgraça. Basta! — Nenhum forasteiro inimigo venceria a tua alma, se ella não houvera succumbido. Sim, foi a tua propria baixeza que te abriu o caminho da vil servidão e do despotismo!

Quem pisar as tuas praias que poderá dizer? Nem uma só lenda dos teus antigos tempos, nenhum thema que levante a musa a vóos altivos como os teus nos dias de outr'ora, quando os homens eram dignos de tí. Os corações que se crearam nos teus valles, as almas de fogo que podiam ter conduzido teus filhos a feitos sublimes, rastejam, n'este instante, do berço á sepultura, escravos,

não; — mas escravos de um escravo e insensíveis ao que não seja o crime. Manchados com todas as perversões que polluem a humanidade, onde ella estiver menos superior aos brutos, não tendo sequer a abençoada braveza selvagem, nem um peito independente ou corajoso, ainda hoje arrastam pelos portos circumvisinhos a sua proverbial astucia e os seus antigos ardis.

Ahi se reconhece o grego sagaz, por isto e só isto afamado. Fôra inutil evocar a liberdade espiritos agrilhoados á servidão ou levantar fronte que estão cortejando o jugo. Não mais lastimo os soffrimentos da Grecia. E, todavia, esta é uma historia lugubre e os que a escutarem poderão julgar quanto fundamento houve para a dôr de quem pela primeira vez a ouviu.

.....

Ao longe e sobre o mar azul as sombras negras dos rochedos estremecem aos olhos do pescador, parecendo-lhe caminharem, como se fossem o batel de um pirata insular ou de um Mainote. Elle, tremendo pelo cahique ligeiro, foge da enseada, que está perto, mas é suspeita. Vai fatigado e extenuado pelo trabalho. Opprimem-no os espolios da pesca e todavia rema, não rapido, mas com vigor, para a praia mais segura de Porto-Leone, onde o recebe a claridade amena, que é o primor mais suave de uma noite oriental.

.....

Quem corre n'um corcel negro e soltando-lhe o freio ahi chega ameaçador? Acordam aos sons das contundentes ferraduras os echos das cavernas circumvisinhas, que repercutem chicotada por chicotada e galope por galope. A espuma, que listra os flancos do corcel, parece do oceano. E, se as ondas fatigadas desceram a funda quietação,

que não a tem o animo do cavalleiro, ámanhã, quando volte a cerração tempestuosa, será mais calma que o teu peito, joven Giaour! Não te conheço. Abomino a tua raça. Mas investigo nas tuas feições o que seja a que o tempo dará energia, que não mais desapparecerá. És joven e pallido; e o impeto das paixões fogosas sulcou de rugas as tuas faces macilentas. Inclinas para o solo os reflexos do teu mau olhar, e vòas com a velocidade de um meteoro. Ao ver-te julgo com justiça que és um d'esses de quem os filhos de Othman fogem, se não podem dar-lhes a morte.

Corria!—e na sua fugida sempre mais veloz, prendia os meus olhos com uma surpresa crescente. Passava e desapparecia da minha vista como se fosse um demonio nocturno. O gesto e o aspecto deixavam-me inquietas recordações e a andadura terrivel do corcel negro, retinindo, penetrou com sobresalto por muito tempo as minhas orelhas, que estremeceram. Esporeia o cavallo. Approxima-se da rocha que está proeminente e escurece as aguas. A corrida é tortuosa e cada vez mais rapida. O rochedo o allivia da minha vista. Bem imagino quanto seja mal vindo quem fita os olhos n'um fugitivo; e, para quem foge a esta hora, não ha uma estrella que não tenha brilho demasiado. Seguiu em frente; mas antes de desapparecer volveu rapido os olhos, como se fosse pela ultima vez. Reprimiu por um instante a velocidade do ginete; deixou-o respirar por um momento na carreira; por um momento se firmou nos estribos... Porque está olhando para a floresta de oliveiras? Alvorece o crescente pelo cimo da collina e as lampadas ainda tremulam altivas sobre a mesquita. Posto que muito longe para que possa o echo responder ao tophaik, o fogo das detonações avista-se e assevera com a festa o zelo do Moslem. Esta noite o sol do Ramazan desce ao occidente. Esta noite começa a festa do Bairam. Esta noite... mas quem és e o que és tu com

esse vestuario forasteiro e essa face aterradora, e que é isto para ti e os teus que te leve a hesitar entre a demora e a fugida?

Parou. Havia nas feições d'elle algum terror; logo, porém, lhe succedeu o odio que não subiu com a vermelhidão intensa, com o rubor subito da colera passageira, mas com a pallidez do marmore, que, por sua lugubre alvura, augmenta a melancolia dos tumulos. O aspecto era torvo. Os olhos scintillavam. Alçou o braço e alçou o com ferocidade; e, para o alto, ágitou impetuoso a mão como duvidando se devera voltar ou fugir. N'este instante o seu ginete indomito, impaciente pela fuga retardada, rinchou com estrondo. Rapido o cavalleiro, olhando para a mão, tomou a espada. Aquelle som interrompera-lhe o devaneio, como se fosse um somno leve que sobresaltam os gritos das aves nocturnas. Com os acicates lacera os flancos do corcel. Avante, ávante! — pois corre para salvar a vida. O cavallo, estremecendo aos golpes, salta com a velocidade do djerrid arremessado aos ares. Passou o rochedo; já esse estrepito não vibra pela praia.

Perdem-se de vista as plumas do elmo do christão e o seu gesto orgulhoso.

Por um instante apenas reprimira o fogoso ginete da Barbaria, que rudemente enfreou. Só por um momento se detivera para correr como se a morte o perseguisse. Porém, n'esse instante, pareceu terem-lhe rolado no espirito recordações de annos, como se em tempo tão diminuto se houvesse condensado uma existencia dolorosa e um seculo de crimes. Em taes momentos, quem ama, odeia, ou teme, haure pezares de annos. Que sentiu elle, a um tempo opprimido por tudo o que póde confundir o animo? Quem póde calcular a duração medonha d'esse momento que influiu no seu destino? Se foi quasi nada para a historia, foi para o pensamento a eternidade. Pois infinito, como o espaço illimitado, é o pensamento, que abraça a con-

sciencia e pôde comprehender um infortunio sem nome, sem esperança ou sem fim.

Passou a hora. O Giaour partiu. Fugiu ou pereceu sem ter quem o acompanhasse? Horas funestas em que chegou e em que partiu, elle, o flagello enviado para transformar pelos maleficios de Hassan um palacio n'uma sepultura. Chegou e partiu como o simoun, o precursor da escuridão e da ruina, cujo folego, largamente destruidor, inclina e deixa moribundo o proprio cypreste, arvore negra e funebre ainda quando é extincta a dór, unico lucto que não se extingue pelos finados.

Desappareceram os cavallos da estrebaria. Não se avista um servo no solar de Hassan. Pelas paredes agitam-se em largas e demoradas ondulações as colchas tenues e alvacentas da aranha, que não tem companhia. Nos jardins do harem o morcego constroe o ninho e no castello a coruja usurpa os torreões de atalaia. Nos parapeitos da fonte uivam, hediondos, os rabidos mollossos com fome e sede illudida, pois fugiram as aguas do marmore d'aquelles leitos, cheios de hera e do triste pó.

Era agradável, n'outros tempos, ver a agua brincar, quando o orvalho prateado, subindo, expellia os ardores do sol e saltava em fantasticos redomoinhos e em tórno espargia um almo frescor que, refrigerando o ar, dava á terra a verdura.

Era agradável, de noite e á luz das estrellas n'um céu sem nuvens, ver scintillar as ondulações da torrente e escutar-lhes as melodias. E muitas vezes, na infancia, Hassan brincara em redor da cascata e muitas vezes aquelles sons lhe acompanharam o dormir ao collo de sua mãe. Muitas vezes, ao longo d'aquella riba, Hassan fôra, na juventude, acariciado pelas canções da belleza e cada nota melancolica parecia mais suave unida á musica das aguas.

Mas a senectude de Hassan não descançará sobre aquella

aresta ao escurecer o crepusculo. A torrente, que enchia a fonte, extinguiu-se e foi derramado o sangue, que dava calor ao coração de Hassan. Não mais se ouvirá n'este logar a voz humana, com raiva, saudade ou regosijo. Os ultimos e doloridos sons, que a aragem dilatou, foram a queixa mais agra e funebre de uma mulher. Perdem-se no silencio e tudo é silencio ainda, menos quando a gelosia bate ao sibilar do vento penetrante; e não haverá mão que lhe prenda o fecho, ainda que o tufão se enfureça ou a chuva seja um diluvio.

Fôra grato investigar nas areias do deserto os vestigios mais rudes de um transeunte. É assim que, n'este logar, a só voz do soffrimento póde acordar quasi um echo de conforto. Ao menos dir-se-ha: «Nem tudo partiu. Alli se acurva uma existencia, posto que uma só, ao peso da doença.»

E lá estão muitos pavimentos dourados, que a solidão bem podera evitar.

No interior do edificio ainda a decadencia abre com lentidão a sua estrada de ruinas. Ao portal colhe-nos só a melancolia.

Não se demora o fakir, nem o errante derviche a quem a generosidade não póde attrahir, nem o estrangeiro fatigado faz alto para abençoar o pão e o sal sagrados.

Com igual indifferença e desprezo passam a opulencia e a pobreza, pois a cortezia e a piedade pereceram quando Hassan no flanco da montanha. O seu tecto, esse refugio dos homens, é o antro famelico do infortunio. O hospede foge do solar e o vassallo do lavor, depois que o turbante de Hassan foi partido pela espada de um infiel.

.....

Ouçõ passos que se approximam. Não chega, porém, aos meus ouvidos uma voz de saudação. Estão mais perto. Já lhes posso examinar minuciosamente os turbantes e

os yataghans de bainhas de prata. O da frente vê-se pelos trajos verdes que é um émir. «Oh! lá! quem és? — Este salam humilde vos responde que sou da fé do Moslem. Esse peso, que tomaes tão delicado, parece ter direito aos maiores cuidados; e, sem duvida, carregação preciosa é que o meu pobre batel com a melhor vontade espera».

«Dizes a verdade. Desamarra o barco e leva-nos d'esta praia silenciosa. Não; deixa ainda ferrada a vela e toma o primeiro remo d'esses que ahi estão espalhados. Voga para o canal, a meio caminho d'aquelles rochedos, onde as aguas dormem escuras e profundas. Pára! — assim! — excellentemente!

Rapida tem sido a nossa derrota. E todavia, esta é, cuido eu, a viagem mais longa que alguém de.....»

.....

Foi cruel a submersão e moroso o desaparecimento.

O mar sereno regurgitou até á praia. Estive attento, vendo como se afundava; e pareceu-me imprimir-se na torrente algum movimento que a agitava mais. Eram as aguas vivas e, sobre ellas, um revérbero da lua. Olhei com surpresa, até que, sumindo-se á vista, partiu como um seixo que diminuisse de volume, — cada vez menos e menos.

Depois uma alvura, uma empola sobre as aguas, illudiu a perspectiva. E assim dormem todos esses segredos escondidos, que só os génios submarinos sabem e, tremendo nas suas grutas de coral, não ousam respiral-os ao mar.

.....

Em Kachemir, nos campos esmeraldinos, a rainha dos insectos da primavera oriental, librando-se nas azas purpureas, convida as creanças a segui-la de perto, conduzindo-as de flor em flor — caçada laboriosa e horas desperdiçadas! — Depois levanta subido vôo e deixa-as anhelantes

e com as lagrimas nos olhos. Assim attrahe a belleza o adolescente com as suas côres igualmente fulgidas e as suas azas de igual inconstancia. É uma caçada de esperanças vãs e de receios, começando na loucura para findar nas lagrimas, E, quando subjugados, são trahidos por desventura igual o insecto e a donzella. Espera-os o infortunio. Uma vida angustiada, o não ter quietação, é o que resta dos brinquedos da infancia ou dos caprichos da juventude. Insignificancias adoraveis, procuradas com tanto ardor e perdendo o encanto e esmorecendo-lhes as côres mais brilhantes, se as aperta a mão que as pretendia. Sem encantos, sem côr e sem belleza, resta-lhes fugir ou perecer.

Onde podem ter descanso as victimas com as azas magoadas e o peito ensanguentado? A borboleta, com as azas pisadas, pôde como antes voar sobre a rosa e a tulipa? A belleza, que uma hora fanou, poderá ter alegria no seu jardim destruido? Não. Os insectos que mais vivos adejam, não cerram as azas sobre os que morrem. Os seres mais amaveis teem compaixão para todos os defeitos, menos para os proprios.

E todo o infortunio pôde ter direito a lagrimas, se não acompanha o opprobrio de uma irmã.

.....

O espirito, que em si esconde criminosos infortunios, é qual o escorpião rodeado de um circulo de fogo, mais estreito sempre e mais abrazador. Cerram-se as chammas em torno do captivo. Penetrado de mil agonias interiores e louco de ira, conhecendo só um doloroso allivio, a ponta que nutria contra o inimigo e cuja peçonha jámais lhe faltou, vibra-a contra o cerebro desesperado. Um só golpe cura todo o soffrimento.

Assim perecem os que teem a alma negra, ou vivem como o escorpião rodeado pelo fogo. Assim agonisa o

espírito que o remorso corróe. Não pôde viver na terra; e não predestinado para o céu, tem acima de si a escuridão, abaixo o desespero, em redor as chammas e no interior a morte.

.....

Foge do harem o funesto Hassan e não pôde olhar para uma mulher. Consome, contra o costume, todas as horas na monteria, mas não são d'elle as alegrias do caçador. Não era o costume de Hassan fugir do harem, quando Leila ahí vivia. E deixou Leila de habitar o serralho? Hassan é só quem sabe contar essa historia.

Rumores estranhos na nossa cidade dizem d'esse anoitecer em que ella fugiu, quando o ultimo sol do Ramazan descia ao occidente e milhares de lampadas, fulgurando nos minaretes, annunciavam a festa do Bairam por todo o Oriente illimitado.

Foi então que ella partiu como se fosse para o banho. Hassan procurou-a irado e não a encontrou.

Havia ella, vestida como um pagem georgiano, fugido á colera do senhor, e muito para lá dos dominios do Moslem o injuriou com o Giaour, o infiel.

Hassan crêra um pouco em tudo isto. Mas ella parecia-lhe sempre tão enamorada e de tal belleza, que demasiada confiança teve na escrava, merecedora pela sua traição da sepultura. E n'esse mesmo anoitecer partiu para a mesquita e d'ahi para a festa no seu kioske. Eis a historia, que os nubios contam e não foram elles, como deviam, das melhores sentinellas. Dizem outros que, n'essa noite, á luz tremula da pallida Phingari, o Giaour foi visto, no seu corcel negro como azeviche, atravessar sem companhia a praia, correndo e ensanguentando os acicates e não tendo por companhia uma escrava nem um pagem.

.....

Fôra inutil descrever o encanto dos seus olhos negros. Pasma diante dos da gazella e prestarás excellente auxilio á imaginação; pois como os da gazella eram grandes, languidos e negros e nas scintillas, brilhantes como a joia de Giamschid, que dardejavam sob as suas palpebras, resplandecia o espirito. Por certo, o espirito! — dissesse embora o nosso propheta não ser aquelle vulto mais do que barro com vida. Por Allah! respondera-lhe: não! ainda que me encontrasse na arcada de Al-Sirat, oscillante sobre o diluvio de fogo, tendo o paraizo ao alcance da vista e que, de um extremo ao outro, me acenassem todas as huris.

Oh! quem podéra ler nos olhos da joven Leila e guardar essa crença que diz não ser a mulher mais do que pó, ninharia sem alma, destinada á luxuria de um tyranno?

Ante ella pasmariam os muphtis, affirmando haver brilhado, atravez dos seus olhos, a immortalidade.

As flores da romanzeira juncavam a belleza das suas faces e rebentavam em côres sempre novas. E quando, no solar, entre as servas e mais alta que ellas todas, deixava descahir as tranças ondulantes como as flores Hyacinthinas, estas varriam o marmore, onde os pés d'ella scintillavam com mais alvura do que a neve das montanhas, que ainda não desceu das nuvens a que deve a existencia e não adheriu ás negruras da terra.

É nobre o cysne atravessando as aguas. Como elle agitava-se na terra a filha da Circassia, a ave mais formosa que partiu de Franguestan. E se o cysne levanta inquieto a fronte e bate as azas, sobre a torrente, com desprezo e orgulho, ao pizar o forasteiro as ribas confins de suas aguas, a formosa Leila erguia o collo mais alvo que o do cysne e, armada com a belleza, reprimia olhares audases e os loucos fugiam surprehendidos diante dos encantos que intentavam exaltar.

Assim era altivo e gracioso o gesto de Leila. Era terno

o seu coração para o seu companheiro... quem era elle?
— Ah! cruel Hassan que te não pertencia esse nome.

.....

Vae de jornada o cruel Hassan. Seguem-no vinte dos seus vassallos; armado, cada um d'elles, como fica melhor a um homem, com arcabuz e yataghan. Á frente e como se fosse para a guerra, o chefe prende no boldrié a cimitarra, tingida pelo melhor sangue da Albania, quando os rebeldes o esperaram no desfiladeiro. E poucos voltaram para contar a historia do que succedeu no valle do Parnès. As pistolas, ornadas de perolas e cravejadas de oiro, que Hassan tem no cinturão, trouxe-as em tempos antigos um pachá. Os salteadores, só de as vêr, estremecem. Diz-se que vae requestar uma noiva mais leal do que a fugitiva do seu leito; a escrava treda ou peor do que isso, que destruiu o seu jardim pelo amor de um Giaour.

.....

Descem á collina os ultimos raios do sol e refulgem na fonte do gelido e crystallino arroio, torrente grata ao montanhez, que a abençôa. Aqui pôde o ocioso mercador grego encontrar esse repouso, que mal procurara nas cidades situadas muito perto de quem o domina. Elle, tremendo pelos seus thesouros escondidos, escravo entre as multidões e livre no deserto, pôde aqui dormir onde ninguem o vê e tingir as taças com o vinho prohibido, sendo forçoso não o beber um Moslem.

.....

Á frente, entrando no desfiladeiro, um tartaro se distingue pelo barrete amarello. Os que o seguem, prolongam uma linha ondulando lentamente pela extensa passagem.

Em cima levanta-se o vertice da montanha, onde os abutres afiam os bicos sedentos. Poderá ser d'elles a festa d'esta noite, que os tente a descer antes do alvor da manhã. Em baixo a torrente hiemal de um rio fugiu ante o ardor do verão e deixou um canal tenue e arido e apenas alguns arbustos, que nascem para ali perecerem. De um e outro lado da vereda jazem até meio caminho pequenos blocos de granito côr de cinza, lascados pelo tempo e os raios das montanhas coroadas pelas nevoas do céu, pois quem viu jámais o pincaro de Liakura, se as nuvens o escondem sempre?

.....

Chegam enfim á floresta de pinheiros. «Bismillah! eis passado o perigo; pois ali vejo um campo aberto, onde com vigor castigaremos os corceis.»

O Chiaus fallava e, como isto dizia, uma bala lhe assoviou sobre a cabeça. O tartaro, que era o primeiro, morde a terra.

Mal tendo tempo de sopear as redeas, os cavalleiros saltam velozes dos ginetes; mas tres não mais voltarão á sella. Invisiveis são os inimigos, que os feriram e os moribundos em vão clamam vingança. Com os yataghans desembainhados e inclinadas as carabinas, encostaram-se alguns aos jaeses dos corceis, que os defendem até meio corpo.

Fogem outros para traz do rochedo mais visinho. Ahi esperam o recontro, que se aproxima e não estão para derramar o sangue como uns cobardes, sob as frechas de inimigos invisiveis, que não ousam abandonar os ingremes retiros.

Só o cruel Hassan menospreza apear-se e continúa correndo, até que na vanguarda as detonações dos mosquetes proclamam ser muito verdadeiro que a vereda unica, podendo aproveitar á presa promettida, fôra conquistada pela

tribu de salteadores. Então, hirsuta a barba, coruscantes os olhos, irado e quasi insano, disse: «Ainda que de longe e de perto zuam as balas, tenho escapado de horas mais sangrentas.»

Já o inimigo abandona o retiro e brada aos vassallos de Hassan que se rendam. Mas é mais temido o sobrececho e as palavras iradas de Hassan do que a espada inimiga e, dos da pequena tribu, nem um só depoz a carabina ou o yataghan, ou levantou o grito cobarde de «Amaun».

Sempre mais proximo e em plena perspectiva os inimigos, pouco antes emboscados, apparecem e, sahindo da floresta, avançam curveteando alguns em belligeros ginetes.

Quem é o seu capitão, que na dextra vermelha agita a espada rutilante de um estrangeiro? «É elle! é elle! Conheço-o n'este instante. Conheço-o pelas faces pallidas. Conheço-o pelo mau olhar, que o auxilia na traição odiosa. E, ainda que use o trajo ao modo albanez, como um apostata da crença vil, que era a sua, nem assim se salvará da morte. É elle! bem encontrado em qualquer hora, o amante da perdida Leila, o amaldiçoado Giaour!»

Róla a torrente negra de um rio, precipitando-se no oceano e reppellem-na para muito longe as marés do alto mar, que lhe oppõem as suas columnas esplendidas, arrogantes e de côr de azul celeste. Contorce-se a espuma e as vagas debatem-se e quebram-se em turbilhões, estuando ás lufadas do inverno. Ondas luminosas, de alvura medonha, estalam na praia, atravez de espuma fulgida e com o estrepito de trovões; e a encosta brilha e estremece aos rugidos do mar.

Assim, qual a saudação do rio e do oceano ao encontro das ondas enfurecidas, é a approximação das tribus, a quem mutuas offensas, o destino e a ira impellem ao combate.

Na escaramuça as cimitarras quebram-se, retinindo. Os

pellouros, partindo de longe, silvam zunindo, após tiros estrepitosos, ás orelhas inquietas.

O combate, a grita e o alarido reverberam ao longo d'esse valle, mais apto para as rusticas narrativas.

Ainda que pequena tribu, é d'elles a lucta e não defendem nem supplicam a vida.

Ah! estreitam-se loucamente os corações juvenis para conquistar e partilhar as caricias mais queridas.

Mas o amor não palpita por tudo o que a belleza suspira e concede na metade do ardor, que o odio dá ao abraço final dos inimigos, quando, envolvidos na lucta, cerram os braços, que não mais largarão a presa.

Os amigos encontram-se e partem. Ri-se o amor da fidelidade. Os verdadeiros inimigos, se uma vez se encontram, reúnem-se até á morte.

.....

A cimitarra, partida até ás guardas, gotejava ainda sangue, presa ainda pela mão decepada, que estremecia adherindo a essa arma aleivosa. O turbante havia rolado muito para traz, fendido em dois até á dobra mais firme.

As vestes fluctuantes, que a espada rasgou, eram carmesins como as nuvens matutinas, sulcadas de vermelho escuro, que são o presagio da tempestade ao desaparecer do sol. Na urze, onde prenderam fragmentos do palampore, ha sangue. Hassan jaz derribado. Laceram-lhe o peito feridas sem conto; e com as costas sobre a terra, a face para o ceu e os olhos abertos carregando ainda o inimigo, dir-se-hia ter a hora, que poz o sello ao seu destino, deixado sobrevivente um odio inextinguivel. Sobre elle reclinam-se o inimigo. É de ferino aspecto, como o que está exangue sobre o solo.

.....

..

«Sim, Leila dorme debaixo das aguas. Hassan terá sepultura mais vermelha. O espirito de Leila afiou a espada, que ensinou a sensibilidade áquelle coração deshumano. Invocou o propheta; mas vão poder teve elle contra o Giaour vingador. Invocou Allah, e a sua voz ergueu-se menosprezada, ou não foi ouvida.

«Pagão tresloucado! Podiam haver-se perdido as supplicas de Leila e ser acceitas as tuas? Esperei a occasião. Uni-me a estes para, a seu turno, ser preso o traidor. A minha ira está vingada. Ultimou-se o feito. Retiro-me agora... mas retiro-me á solidão.»

.....
.....

Roem os camellos a erva dos prados e agitam as campainhas, que tilintam. Na alta gelosia a mãe de Hassan olhava para o campo verde borrifado pelo orvalho crystalino e para a luz frouxa das estrellas. «Anoitece... sem duvida está proximo a sua gente.» Não podia repousar no jardim e, com surpresa, alongava os olhos por entre as grades da torre mais levantada. «Porque não chegam? Os seus corceis são velozes e não fogem aos ardores do estio. Porque não envia o esposo a dadiva promettida? Será o seu coração mais frio, ou menos veloz o seu ginete da Barbaria? — Oh! censura immerecida! N'este instante aquelle tartaro attinge o cimo da nossa montanha mais proxima, desce cauteloso a vertente, caminha para o fundo do valle e no arção da sella traz o donativo. Como pode crer vagaroso o seu corcel? Recompensar-lhe-hei, com liberalidade, a sua grata carreira e as fadigas da jornada.»

O tartaro apeou-se ao portal, sustendo a custo o corpo enfraquecido. A sua côr baça expressava desgosto; mas podia ser fadiga. Nas vestes havia manchas de sangue, que podia ser dos flancos do corcel. Quando abertos os

vestidos: Anjo da morte! — É o pennacho do turbante de Hassan partido, o kalpak rasgado e o seu caftan vermelho. «Senhora! teu filho esposou uma noiva medonha. A mim, não foi por misericórdia que me pouparam, mas para ser o portador d'esta dadiva cór de purpura. Paz ao heroe de quem foi derramado o sangue. Maldição sobre o Giaour, que foi o criminoso.»

.....

Um turbante esculpido em pedra tosca, uma columna recoberta de hera, onde hoje mal se lê o versiculo do Koran que lamenta os finados, indicam o logar em que Hassan cahiu victima n'aquelle reconcavo ermo. Ali dorme um osmanli tão verdadeiro como os que em todos os tempos curvaram o joelho em Meca, menosprezaram o vinho prohibido ou, volvendo o rosto para a Kaaba, levantaram supplicas em orações recommçadas sempre ao som solemne do Allah-hu. E, todavia, pereceu ás mãos de um estrangeiro e, como se fosse um estrangeiro, na sua terra natal. E, todavia, pereceu combatendo e a sua morte ficou inulta, ou pelo menos sem que por ella se derramasse sangue.

Mas as donzellas do paraizo convidam-o impacientes para os seus solares e os olhos negros das celestes huris brilharão sobre elle com esplendor eterno. Approximam-se; agitam os lenços verdes e com um beijo saudam o heroe. Quem pereceu combatendo um Giaour, é o mais digno de um jardim immortal.

.....

Mas tu, falso infiel, serás martyrisado aos golpes da foice de Monkir, o vingador e só escaparás d'este tormento para peregrinares em redor do throno de Eblis, o reprobó.

Um fogo inextincto e inextinguivel envolver-te-ha o co-

ração, fixando-se ahi; e os ouvidos não podem ouvir, nem as palavras dizer as torturas d'esse inferno interior. Mas, primeiro, o teu cadaver dilacerado, sahindo da sepultura, será enviado á terra, como se fosse um vampiro e perseguirá mortifero o teu solo natal e sorverá todó o teu sangue mais intimo. Ahi, pela meia noite, deixarás exaustó o fio da vida de tua filha, de tua irmã e de tua mulher.

Abomina esse banquete que por força tem de ser o alimento do teu cadaver livido, mas redivivo. As tuas victimas, ainda antes de expirar, saberão que esse demonio é a pessoa para ellas de mais respeito; e amaldiçoando-te ellas e amaldiçoando-as tu... ir-se-hão fanando as tuas flores ainda no tronco. E uma das que teem de perecer pelos teus crimes, a mais nova e a mais amada de todas, abençoar-te-ha chamando-te pae. Essa palavra ha de cingir de chammas o teu coração. É força, porém, que acabes a obra e notes a côr ultima do seu rosto e vejas o ultimo fulgor, o ultimo reflexo vitreo dos seus olhos congelados n'um azul inanimado.

Então as tuas mãos profanadoras hão de arrancar as tranças fulvas, que em vida significaram o mais estimado penhor de affeição nas madeixas, que d'ellas se cortassem, mas que, n'esse instante levadas por ti, serão a memoria das tuas agonias.

Os teus dentes, que rangem, e os teus labios ferinos hão de gotejar humidos do teu melhor sangue. Emfim! de pé ante pé, retira-te á sepultura tenebrosa. Vae! e os Gouls e os Afrits, teus companheiros nos delirios do furor, fugirão de um espectro mais amaldiçoado que elles!

.....

«Que nome daes áquelle caloyer, que ali vae só? Já na minha terra lhe examinei as feições, ha muitos annos. Quando o vi castigar um cavallo tão veloz, como o que jámais poude servir um cavalleiro. Ouviam-se pela praia

deserta as chicotadas. De uma só vez que o vi, notava-se-lhe no rosto um pezar tão fundo que, tornando a vel-o, impossível é não o fixar. Respira n'este instante o mesmo genio sombrio; parece haver nas feições d'elle o sello da morte.

«Ha duas vezes tres annos, appareceu pela primeira vez entre os nossos frades por occasião das marés do estio. Agrada-lhe viver aqui por causa de alguma acção duvidosa, que não queira nomear. Não ajoelha ás nossas vespervas, nem á cadeira do confessor e não lhe interessa que o incenso e as antiphonas se levantem aos céos. Recluso na cella, vive em meditação. As crenças e a raça parecem-nos desconhecidas. Partiu da terra dos pagãos, cruzou os mares e subiu desde a praia até aqui. Não parece da raça de Othman e tem as feições de um christão. Julgal-o-hia algum apostata vagabundo, arrependido da mudança que fez, se não fugisse das reliquias sanctas e provasse o vinho e o pão sagrados. Trouxe grandes liberalidades a estas paredes e com ellas comprou os favores do nosso abbade; mas fosse eu o prior que nem um dia a mais supportará a permanencia de um tal forasteiro, ou o condemnava a viver na perpetua reclusão da nossa cella de penitencia.

Muitas vezes resmonea nas suas visões de uma mulher submersa no mar, do estridor de cimitarras, do inimigo fugindo, de offensas vingadas e de um Moslem moribundo. Sabe-se que, levantando-se no cimo de um rochedo, ahí delira como se, (a todos invisivel menos para elle), mão cheia de sangue, cortada recentemente de um braço, lhe acenasse ao caminho da sepultura, attrahindo-o a saltar ao mar.»

.....
.....
Sob o capello escuro, em um gesto lugubre e não

terreno, faiscam-lhe as pupilas dilatadas, expellindo lumes que muito revelam do passado. Terá frequentes vezes de arrepende-se quem lhes fitar os reflexos e as côres incertas e indistinctas. Guardam ellas esse encanto sem nome, que diz, por fórma indizível, estar ali um espirito altivo e ainda não vencido, arrogando-se e conservando superioridade. E se a ave, com as azas tremulas, mal pôde fugir da serpente que a domina, alguns estremecerão sob o seu olhar, não o evitando e podendo apenas supportal-o, como se fosse uma affronta. O frade, que o encontre sem companhia, anhelará meio assustado retirar-se como se, dos olhos e do sorriso amargo, communicasse elle medo e malicia. É raro sorrir-se; e, n'esses momentos, causa dôr; vê-se estar escarnecendo da miseria. De que maneira aquelles labios pallidos se contorcem e tremem! Vêde-o uma vez ainda e como se fosse para sempre. Dir-se-hia que a dôr, ou a soberba lhe impediram o sorriso. E assim fosse! pois tão funebre alegria não pôde ter derivado do contentamento. Seria mais doloroso investigar-lhe os antigos sentimentos, transparecendo-lhe nas feições, que o tempo não empederniu ainda e prendem traços brilhantes aos vestígios da perversidade. E as suas côres, que por vezes são lividas, dizem-nos não lhe haverem de todo corrompido o espirito os crimes, que atravessou. O vulgo só vê a treva de actos impertinentes e de uma condemnação justa. O observador attento sabe descobrir uma alma nobre e uma linhagem elevada; ambas, porém, dons inuteis, talvez pervertidos pelo infortunio e manchados pelo crime. Nunca foram tão altos predicados os de uma organização vulgar. Ao vê-lo prende-nos quasi o medo.

Difficil é que o tugurio sem tecto e em ruinas detenha o transeunte. O torreão, que as tempestades e as guerras deixaram cahindo, subjuga e attrahe as vistas do estrangeiro, se pôde affrontar uma canhoneira. Um arco recoberto de hera, uma columna no ermo, pleiteiam com orgulho as glorias do passado.

«Comprimindo as vestes fluctuantes, vae lentamente por entre as columnas da nave. Olham-no com receio e elle vê, de aspecto lugubre, os ritos, que sanctificam o templo.

Quando o côro estremece aos sons da antiphona e os monges ajoelham, retira-se e, do portico a dentro e ao pé da luz tremula d'aquella tocha unica, ahi, de ferino olhar, se demora até que tudo acabe e ouve as orações sem proferir uma só. Vêde, juncto das paredes mal alumadas, como lhe descahe para traz o capuz e lhe descem os cabellos negros sobre as faces pallidas, como se uma das Gorgones o cingisse com a trança mais negra de serpentes, que jámais lhe errou pela fronte horrenda.

Pois elle evita a regra do convento e deixa crescer a guedelha immunda.

Fôra d'isto usa o nosso habito e tem liberalidades não piedosas, mas de orgulho, para estas paredes, que jámais lhe ouviram uma promessa, ou uma palavra sancta. Notae! Sobem aos céos em harmonias os mais sonoros louvores e estão lividas as faces d'elle e o gesto é empedernido, mixto de audacia e desespero.

S. Francisco! Desvia-o do relicario! Não se manifeste a ira divina por algum signal pavoroso. Se o anjo do mal tomou a fórma humana, foi aquella.

Por toda a esperanza do perdão dos meus peccados, o semblante d'elle não é da terra nem do céu.»

Os corações mais benignos são propensos ao amor. Não se entregam porém de todo; pois são de muita timidez para compartilhar o infortunio e de muita humildade para afrontar o desespero.

Nos mais valorosos abrem-se as feridas, que o tempo não póde cicatrizar. É força que o mineral escabroso arda antes de ter esplendor; mas, submerso nas chammas, inclina-se e dilue-se; sendo, todavia, sempre o mesmo. Depois, modelado pelo capricho ou a necessidade, servir-te-ha para a defeza, ou para a morte, — armadura durante

o perigo ou folha da espada, que derrame o sangue inimigo.

Mas, quando assumir a fôrma de um punhal, acautela-te de quem lhe afiar o gume.

Assim é o fogo das paixões e a arte feminina, que atrahem e subjugam os corações mais fortes, dando-lhes vulto e sentimento e que são persistentes e aniquiladores contra os que não podem dominar.

.....

Quando a dôr é seguida pela solidão, um allivio no soffrimento pouco o diminue. A aridez de um peito, cahido no abandono, tem gratidão para a dôr, que lhe minora o isolamento. Causa tédio o que a nós só é deixado em partilha. A propria felicidade fôra, sem companhia, o infortunio. E assim, quem alguma vez se encontrou abandonado, teve no odio um facil e ultimo refugio.

É como se podessem os mortos sentir os vermes gelados, que os rodeam e n'elles se infiltram e podessem estremecer no somno da podridão, quando rastejam e folgam aquelles reptis, frios consumidores de um barro, que não tem força de os expellir.

É como se a ave do deserto, que fende o peito com o bico para calar os gritos da fome dos seus ninhos, comunicando-lhes sem custo a vida, dilacerasse n'um impeto o peito dedicado, encontrando-os vazios, havendo-lhes fugido os filhos.

As dôres mais agudas de um desgraçado são um extasis, comparadas ao vacuo horrivel, á solidão inculta do espirito e á anniquillação do sentimento na inercia.

Quem quizera ser condemnado a ver sempre um céu sem nuvens, ou sem sol?

É de menos horror o rugido da tempestade, que está longe, para o naufrago, que foi sem companhia arremessado pelo acaso, durante a lucta dos elementos, a uma

praia, do que o não arrostar mais as ondas; pois ninguém o vê finir-se, em decadencia inerte, na lugubre serenidade de uma bahia silenciosa.

Antes submergir-se no mar largo ao embate das ondas, do que ser feito em pedaços de encontro aos rochedos.

.....

«Padre! os teus dias teem-se passado em paz no meio de rosarios contados e de orações sem conto.

Desde a juventude á velhice, não tendo crimes nem cuidados, a não ser os infortunios transitorios, que a todos é força soffrer, tem sido o teu destino levantar a condemnação dos peccados alheios. E serás abençoado por ti, pois estás longe das violentas paixões, fogosas e desregradas, quaes as descobrem os teus penitentes, que na pureza e na piedade do teu peito descansam os seus peccados escondidos e as suas dôres. Dos meus dias poucos passei no auge da alegria e os mais no infortunio.

E, nas horas de amor e nas de lucta, fugi ao tédio da existencia e aborreci o repouso indolente; ou estivessem ao meu lado amigos, ou fosse rodeado de inimigos. Não tenho a quem amar ou aborrecer e, não me enlevando já na esperança ou no orgulho, quizera ser essa cousa damnhinha, rastejando pelos muros de um calabouço e não passar os meus dias, ineptos e invariaveis, condemnado á surpresa e á meditação. E todavia esconde-se no meu intimo uma aspiração ao repouso. — Mas não sentir é o repouso. Em breve realisará o destino essa aspiração. Dormirei sem um sonho do que fui, ou quizera ser.

As minhas acções parecer-te-hão negras. A minha memoria é n'este instante o tumulo de alegrias, extinctas de ha muito. É a minha esperança a condemnação d'ellas; e antes com ellas houvesse perecido e não supportasse uma existencia de soffrimentos e desventuras.

Jámais se desviou o meu espirito das dôres penetrantes de uma infinda agonia, ou recorreu ao suicidio, quaes os loucos antigos, ou os modernos cobardes.

E, todavia, não tremi de encontrar a morte. Ser-me-hia grata no campo de batalha, se o perigo me attrahisse a partir, escravo da gloria e não do amor.

Affrontei-a; não pelos brazões da gloria. Rio-me dos louros conquistados, ou perdidos. Abram outros por ahi o caminho para as altas reputações, ou os soldos mercenarios.

Collocae, porém, diante de mim uma vez ainda o que julgo um premio digno, a mulher a quem amo, o homem a quem odeio e, salvador ou homicida, seguirei as pégadas do destino como ellas o exigirem, atravez das chammas e das espadas.

Não duvides d'estas palavras. São de quem só faria o que tem feito.

A morte, que os orgulhosos arrostando, supportam-na os fracos e supplicam-na os desgraçados.

Consente que a vida torne para quem a deu. Não vacillei ao aspecto do perigo, quando era orgulhoso e feliz; — fal-o-hia agora?

.....

«Amei-a, frade! — não, adorei-a. Mas d'estas palavras todos podem usar. Demonstrei-o mais por factos do que por palavras. Ha sangue n'aquella espada valorosa, mancha que o aço já não póde perder. Era o sangue de um inimigo, sacrificado por ella, que pereceu por mim.

Não, não estremeças. Não curves o joelho. Não registes este feito entre os meus peccados.

Absolver-me-has, pois era hostil ao teu credo e só o nome do Nazareno era absintho para a sua ira de pagão.

Louço e ingrato! Não houvessem mãos valorosas bran-

dido as espadas, sem as feridas abertas pelos galiléus, ainda hoje o esperavam impacientes as huris ao portal do propheta, pois esse é o transito mais seguro para o céu dos turcos.

Amei-a; e o amor abrirá caminho pelas veredas, onde os lobos temeriam a presa. E quando assaz ousado, difficil fóra não ter premio a paixão.

Não a requestei inutilmente. Como? Em que paiz? Qual razão? pouco importa. E, todavia, por vezes desejo e com remorsos que jámais houvesse ella tido um outro amor.

Leila pereceu. Não ousou contar-te a sua morte. Mas vê; está escripta na minha fronte. Ah! lês, em characteres não destruidos pelo tempo, a maldição e o crime de Caim. Detem-te, porém, antes de me condemnares. O feito não foi meu; embora fosse eu a causa. Todavia, como elle houvera eu sido, se ella tivesse trahido mais de um.

Foi-lhe infiel; matou-a. Foi leal para mim, vinguei-a. Mereceria ella a condemnação; mas a sua perfidia foi lealdade para mim. Deu-me o seu coração; esse, não houve tyrannia que podesse escravisal-o. Ai de mim! era tarde de mais para a salvar. E, todavia, dei tudo o que então podia dar; e foi esse o meu lenitivo... dei a sepultura ao nosso inimigo.

Pouco interessa haver perecido Hassan. Mas o destino de Leila fez-me tal que bem podes odiar-me.

A condemnação de Hassan estava lavrada. Elle bem o soube. Advertira-o a voz do cruel Tahiri, a quem o zunido de um pellouro homicida penetrou as orelhas de sinistras predicções, quando a tribu desfilava para onde succumbiu.

Pereceu na refrega; n'um instante que menospresa angustias ou esforços.

Um grito de soccorro a Mahomet; uma supplica a Allah; foi o que disse.

Reconheceu-me e travou commigo o duello. Quando cahiu, pasmei, investigando como se desprendia o seu espirito. Era como o leopardo ferido pelo caçador e não

sentia por metade o que sinto n'este instante. N'elle inquiri inutilmente o soffrimento de um espirito atribulado. As feições d'aquelle repugnante cadaver denunciavam raiva e não remorso.

Quanto houvera dado a vingança para descobrir n'aquellas faces moribundas o desespero! — o tardio arrependimento d'essa hora, em que a penitencia não podendo expellir o terror da sepultura, não quer ser um balsamo, porque tambem não pôde salvar.

.....

«Frio é o sangue dos que nascem nos climas frios. O amor d'elles desmerece esse nome. Porém o meu era qual o diluvio de lava, que ferve no peito de chammass do Etna. Não sou um gárrulo de linguagem frouxa, dizendo do amor das senhoras e das cadeias da belleza. Se a mobilidade das feições, o sangue que ferve, os labios contorcendo-se e não exhalando um queixume, se um coração ardente, um cerebro tresloucado, um procedimento audaz, uma espada vingadora, se tudo o que sinto e senti, predizem o amor, — esse era o meu; e muitos signaes de amargura o denotaram. É a verdade o não saber eu queixar-me, ou suspirar. Soube apenas alcançar, ou perecer. Pereço, mas possuí; e, apesar de tudo, fui feliz.

Deverei exprobrar a condemnação que procurei? Não. Tudo perdi, menos a coragem e o pensamento do assassinio de Leila.

Dae-me o prazer e com elle a dôr. Assim quizera viver e amar ainda uma vez. Não lastimo, oh! santo guia, quem morre e só aquella, que pereceu.

Dorme ella sob as aguas fluctuantes. Ah! tivesse ella na terra a sepultura e este coração angustiado e esta face lacrimosa procura-la-hiam para compartilhar o seu leito comprimido.

Era ella um vulto de existencia e de luz. Se a olhávamos, era parte da nossa vista; e o meu volver de olhos via-a sempre, como a estrella da manhã alvorecendo na minha memoria.

«Sim, o amor é luz do céu. É uma scintilla d'esse fogo immortal, partilha dos anjos, que Allah nos deu para exalçar da terra as nossas aspirações humildes.

Um culto solemne eleva o espirito. Mas o céu, para nos desviar de pensamentos impuros, desce elle proprio ao amor, como a um sentimento emanado da Divindade, a um dos raios d'esse, a quem o universo deve a existencia, a um circulo de gloria em torno da nossa alma. Admitto que fosse imperfeito o meu amor. Assim é tudo a que os mortaes dão nome errado. Julga-o um crime, ou o que quizeres, mas dize, oh! dize que não foi ella a criminosa.

Ella era a luz precursora da minha existencia e, extincta, que fanal romperá a minha noite? Oh! brilhasse ella ainda para me conduzir á morte, ou á mais funesta desventura.

Porque vos maravilhaes, se os que perdem a alegria no presente e no futuro a esperanza, não mais se envolvem n'um pesar humilde, mas phreneticos accusam o destino e loucos praticam acções terriveis, que á dôr parecem unicamente unir o crime?

Ai de mim! o peito, que sangra interiormente, não se arreceia do infortunio. Quem descahiu de toda a felicidade que conhece, leve cuidado lhe dá o abysmo a que possa descer.

Velho! as minhas acções parecem-te ferinas como as do negro abutre. No teu gesto leio a aversão, novo castigo que tambem nasci para soffrer.

É certo haver eu, qual a ave de rapina, sulcado de destroços o meu transitio. Mas só os pombos me ensinaram o que era perecer, sem haver conhecido um segundó amor.

Resta ao homem aprender esta lição. É-lhe ensinada pelos que ousa desprezar.

A ave cantando na balsa, o cysne atravessando o lago, terão uma só companhia.

O histrião, sempre vagabundo e escarnecendo do que não pôde mudar, partilhe os seus gracejos com a algazarra dos garotos. Não lhe invejo as inconstantes alegrias.

Julgo o homem pusillanime de menos valor do que o cysne, que ali está sem companhia e de muito menos do que a donzella tímida, a quem abandonou crente e trahida.

Ao menos não foi esse o meu opprobrio. Leila! todos os meus pensamentos eram teus.

Minha virtude, meu crime, minha felicidade, meu infortunio, minha esperança no céu, meu tudo na terra, que não contém outra, que contigo se pareça; e, se a tem, é inutil para mim.

Não quizera olhar para uma dama, que se parecesse contigo. Não eras tu.

Esses mesmos crimes, maculando a minha juventude, este leito de morte, attestam a minha verdade. É muito tarde! Foste; — és a minha mais adorada illusão.

«Leil apereceu. E, não obstante, vivi; mas sem o alento dos homens. Em torno do meu coração enroscava-se uma serpe instillando a discordia em todos os meus pensamentos. Todos os tempos os mesinos; todos os logares adversos; — tremendo, fugi da face da natureza. As suas côres foram o meu enlevo; mas estavam denegridas como a minha alma. Sabes o mais; todos os meus maleficios e por metade o meu infortunio.

Não falles de arrependimento. Vês que brevemente partirei.

E, se as tuas santas narrativas fossem verdadeiras, terias poder de anniquilar o que está feito?

Não me julgues desagradecido. A minha dôr não espera lenitivo de um sacerdote.

Conjectura em segredo o estado da minha alma. Se tens piedade de mim, sê breve.

Se estivesse no teu poder que Leila revivesse, supplicar-te-hia perdão.

Pleiteia a minha causa n'esse logar elevado, onde as missas compradas nos conseguem a clemencia.

Serena a leôa, que ficou sem companhia no fojo, onde a mão do caçador suffocou os rugidos dos seus leões. Mas não zombes; não queiras serenar o meu infortunio.

«Nos dias da infancia, em horas mais tranquillias, quando o meu coração se deliciava unido a um outro coração, tive, entre as flores e os jardins do meu valle nativo, um amigo. — Ah! tel-o-hei ainda? Envio-lhe esta memoria de um voto da juventude. Quizera recordar-lhe a minha morte. Os espiritos concentrados, e assim é o meu, rapidos pensamentos concedem aos amigos, que estão longe; e todavia é-lhe caro o meu nome infamado.

Predisse o meu destino; sorri-me. Ainda então podia sorrir-me. A prudencia assumiu a voz d'elle, avisando-me a tempo e não a attendi. N'este instante a minha memoria repete em segredo vozes, que passaram inadvertidas. Dize-lhe que foram as suas prophcias realidades. Elle estremecerá ouvindo como foram verdadeiras, e anhelando não houvessem ellas succedido. Dize-lhe que, entre angustias e proximo da morte, pretendi balbuciante abençoar-lhe a memoria, ainda que, por muitos dias amargamente trabalhosos, me esqueci do que foi a nossa aurea juventude. Mas alcançam a ira celeste as supplicas de um criminoso por um innocente. Não lhe peço reprehensões. É muito benigno para maltratar o meu nome. E a fama, que me importa?

Tambem lhe não peço o seu lucto. Uma supplica tão fria é ouvida como um desprezo.

E qual a graça mais benigna, para conferir-se ao tumulo de um irmão, do que as lagrimas varonis da amisade? Leva-lhe este annel. Foi d'elle outr'ora; e dize-lhe o que estás vendo: um corpo mirrado, um espirito transido, os

destroços das paixões, um pergaminho pizado, uma folha de arvore perdida e queimada ás tristes lufadas do outono.

.....

«Não digas ter sido esplendor da imaginação. Padre! não foi um sonho. Ai de mim! É força estar dormindo quem sonha e eu só estive em vigilia e anhelando chorar; mas não podia, pois a minha fronte escandecida palpitava, como n'este instante, até ao cerebro. Aspirava, aspiro ainda hoje a uma lagrima, que seria gratissima, nova e muito querida. É mais forte o desespero do que a minha vontade. Tem mais poder do que as tuas supplicas piedosas. Não inutilises as tuas orações. Não quisera ser, quando o pudesse, um dos bemaventurados. Não sinto falta ao paraiso, mas ao repouso.

Padre! foi n'esse instante que a vi. Sim, era rediviva! No seu alvo symar scintillava como, atravez dos frouxeis d'aquella nuvem cõr de cinza, scintilla uma estrella, que vejo com surpresa, como se a visse a ella. Mas ella resplandecia e resplandece muito mais amavel. Na escuridão vejo estremecer a estrella. A noite de amanhã será mais negra. Antes de a estrella reaparecer, serei um objecto inanimado, a imagem do terror.

Padre! sou um vagabundo e a minha alma fluctua junto da baliza final.

Vi-a, frade! e, esquecendo-me dos nossos antigos infortunios, salto da cama, corro e abraço-a de encontro ao meu peito para quem não havia esperança.

Abraço-a, mas o que abraço eu?

No meu amplexo nenhum vulto havia com vida, nenhum coração, que batesse respondendo ao meu.

Mas, Leila, esse é o teu vulto; e és tu, querida, tão demudada que, se encontras os meus olhos, foges ao meu impulso?

Ah! ser-me-hia indifferente que fosse de neve a tua belleza, se os meus braços houvessem abraçado quem só desejavam.

Ai de mim! Em torno de uma sombra comprimida, cerram-se junto de um tronco isolado.

E, todavia, ahí está ainda! Permanece em silencio. Aceua-me, supplicante, com as mãos, com as tranças, com os olhos negros e brilhantes.

Bem soube não ser verdade. Ella não podia ter perecido. Hassan morreu; esse vi-o sepultado no interior da caverna, onde cahiu. Não apparece, pois não pôde irromper da terra.

Mas porque estás acordada? Disseram-me haver o tumido oceano rolado sobre as tuas faces, que eu vejo e o teu vulto, que adoro. Disseram-me... era uma historia horrível; quizera contal-a e a minha expressão vacilla.

Se for verdadeira, se das cavernas do teu oceano veus reclamar sepultura mais serena, passa os teus dedos humidos sobre estas faces, que não mais sentirão ardor, ou prende-os sobre o meu coração, que não tem esperanza. Mas corpo, sombra, ou o que sejas, por mercê não partas; ou leva-me contigo para mais longe do que os ventos e as aguas possam impellir-nos.

.....

«Eis o meu nome e a minha historia. Confessor! em segredo respiro aos teus ouvidos os meus pezares mais fundos. Agradeço-te essas lagrimas generosas, que não podem affluir aos meus olhos congelados. Sepulta-me junto dos mais humildes e, a não ser uma cruz sobre o meu cabeça, não graves um nome, ou um emblema, que o estrangeiro investigador possa ler, ou detenha o errante peregrino.»

Pereceu. Do seu nome ou da sua raça, nem um signal,

nem um vestigio, a não ser o que deve calar o padre, que o confessou no dia da sua morte.

Os fragmentos d'esta historia são tudo o que soubemos da que foi sua amante, ou d'esse de quem foi o assassino.



NOTAS

(1) Os teus heroes, se uma geral condemnação lhes recusou columnas aos tumulos — pag. 86.

O poema, n'este logar, parece alludir ao ostracismo.

(2) mau olhar — pag. 88, *malus oculus* — superstição abundante no Oriente e ainda na Italia, onde a influencia do *mal-occhio* é de fascinação ominosa para quem a encontra.

Lombroso — *L'Uomo delinquente*, vol. I, pagg. 278 e 279, menciona o assassino Francesconi, reconhecido nas suas tendencias de homicida unicamente pela inflexão do olhar, annos antes de ter commettido o crime.

«Não raro, affirma Lombroso, se tem registado nos processos escaparem da morte pessoas de probidade, estranhas á sociedade do crime, a tempo advertidas pelo olhar sinistro d'um assassino, onde leram as suas intenções criminosas. Foi assim que o primeiro carteiro, que devia ter sido victima de Francesconi, teve tempo de fugir aterrado pelo seu olhar.»

(3) tophaik — pag. 88, mosquete.

(4) djerrid — pag. 89, dardo usado pelos turcos.

(5) salam — pag. 92, *salam aleikoum*, *aleikoum salam*, saudação de um mussulmano para um crente.

(6) a rainha dos insectos da primavera oriental — pag. 92, a borboleta de azas azues, privativa de Kachemir.

(7) Phingari — pag. 94, a lua.

(8) a joia de Giamschid — pag. 95, rubim fabuloso, que pertenceu ao

sultão Giamschid e foi conhecido pelos nomes de *Schebgerag*, facho da noite, ou taça do sol.

(9) Al-Sirat — pag. 95, ponte muito estreita, entrada unica, para os mussulmanos, no paraíso.

(10) Franguestan — pag. 95, a Circassia.

(11) Bismillah! — pag. 97, em nome de Deus.

(12) Chiaus — pag. 97, provavelmente um meirinho turco.

(13) Amaun — pag. 98, perdão.

(14) palampore — pag. 99, chale bordado de flores, característico da nobreza.

(15) a mãe de Hassan — pag. 100.

Este trecho é imitado do Livro dos Juizes, capítulo V, v. 28. A mãe de Sisara, olhando pela janella, gritava e desde o seu quarto dizia:

Porque tarda tanto em voltar a sua carroça? porque são tão pesados os pés dos seus quatro cavallos?

v. 29 Mas uma de suas mulheres, mais advertida do que as outras, respondeu á sogra estas palavras:

v. 30 Talvez que a esta hora reparta o esbulho e escolha para si a mais formosa das captivas: vestidos de varias côres se dão de despojo a Sisara e varias joias se lhe destinam para adorno do seu pescoço. (Traducção do padre Antonio Pereira de Figueiredo.)

(16) kalpak — pag. 101, parte central do turbante, que é envolvida no chale.

(17) Kaaba — pag. 101, no original, *the shrine*. A Kaaba é o principal relicário dos mahometanos, situado no centro da grande mesquita de Meca. Está guardada na Kaaba a pedra negra do mahometismo.

(18) Allah-hu — pag. 101, são as palavras com que o muezzin conclue, do alto do minarete na mesquita, o chamamento á oração.

(19) Monkir — pag. 101, Monkir e Nekir, juizes inquiridores dos mortos, segundo as crenças orientaes.

(20) Eblis — pag. 101, príncipe das trevas.

(21) Gorgones — pag. 105, monstros da mythologia hellenica.

Denominavam-se Medusa, Stheno e Euryale, sendo filhas de Phor-
kys e de Kêto, monstro marinho.

O aparelho da visão das Gorgones era constituido por um olho
único, de que alternadamente usavam, passando-o de uma para a outra.

Pretendem os mythologos significar esta ficção a unidade de conselho,
ou a prudencia.

O predicado de ter as tranças revestidas de serpentes parece privativo
de Medusa, conforme se reconhece de Ovidio, *Metamorphoseon*,
Lib. IV, v. 790, 791 e 792, onde diz:

Excipit unus

E numero procerum, quarens, cur sola sororum
Gesserit alternis immistos crinibus angues.

Foi este o castigo imposto por Minerva pela violação de Medusa,
commettida por Neptuno no templo da mesma deusa.

(22) Tahiri — pag. 109.

O derviche Tahiri. Dizia possuir uma faculdade especial, que lhe
permittia o conhecimento antecipado das occorrencias mais distantes
e inesperadas pelas detonações, sómente para elle perceptíveis, de
tiros de mosquete.

(23) symar — pag. 114, a mortalha.

FIM.

INDICE

	Pag.
A quem ler.....	7
Personagens.....	13
Manfredo.....	15
Notas.....	65
O Giaour (prologo).....	71
Dedicatoria.....	79
Advertencia.....	81
O Giaour.....	83
Notas.....	117

1810

THE
MAGAZINE
OF
THE
LITERARY
AND
SCIENTIFIC
INQUIRY
FOR
THE
YEAR
1810

ERRATA

A pag. 77 onde se lê: Houve quem se desfizesse da gravata — deve ler-se:
Houve quem desfizesse o laço da gravata.





